

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS DE BARRA DO BUGRES
FACULDADE INDÍGENA – FAIND
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
INTERCULTURAL INDÍGENA**

GESILENE AIKDAPA



O TRABALHO DA MULHER RIKBAKTSA E O SEU PAPEL NO MEIO SOCIAL

Barra do Bugres
2024

GESILENE AIKDAPA

**A MULHER RIKBAKTSA E O SEU PAPEL NO MEIO SOCIAL E ÉTNICO-
CULTURAL**

Dissertação apresentada como parte integrante do curso de Mestrado em Educação Intercultural Indígena da UNEMAT, para obter o grau de Mestra em Educação Intercultural Indígena.

Orientadora: Profa. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira.

Barra do Bugres
2024

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte.
UNEMAT - Unidade padrão

Nambiquara, Gesilene Aikdapa.

O trabalho da mulher Rikbaktsa e o seu papel no meio social /
Gesilene Aikdapa Nambiquara. - Barra do Bugres, 2024.
81f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-
PPGECII - Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus
Universitário de Barra do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientadora: Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira.

1. Mulher Rikbaktsa. 2. Povo Rikbaktsa. 3. Cultura. I.
Pereira, Lisanil da Conceição Patrocínio, Dra. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB

CDU 398.3

GESILENE AIKDAPA

**A MULHER RIKBAK TSA E O SEU PAPEL NO MEIO SOCIAL E ÉTNICO-
CULTURAL**

Folha de aprovação do Mestrado em Educação Intercultural Indígena.

Barra do Bugres-MT, 07 de maio de 2024.

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
 LISANIL DA CONCEICAO PATROCINIO PEREIRA
Data: 11/11/2024 23:24:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Profa. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira
(UNEMAT/Juara)

Documento assinado digitalmente
 ISAURA ISABEL CONTE
Data: 07/11/2024 18:13:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Isaura Isabel Conte
Banca Externa (Universidade Federal de Rondônia)

Documento assinado digitalmente
 SANDRA MARA ALVES DA SILVA NEVES
Data: 19/11/2024 16:44:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Sandra Mara Neves
Banca Externa (Universidade Federal de Rondônia)

Documento assinado digitalmente
 WALDINEIA ANTUNES DE ALCANTARA FERREIRA
Data: 12/11/2024 07:24:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Waldineia Antunes Alcantara Ferreira
Banca Interna (UNEMAT/Juara)

Barra do Bugres
2024

Somos mulheres mobilizadas, politizadas, trazendo os nossos saberes e vozes ancestrais. Somos a continuação de muitas lutas, pela defesa dos direitos dos Povos Indígenas, das indígenas mulheres, dos direitos ambientais e dos direitos humanos: somos a luta pela vida (Daniela Huberty).

RESUMO

Esta dissertação discute o papel da mulher indígena Rikbaktsa, bem como as dificuldades encontradas nos trabalhos desenvolvidas por elas. A pesquisa discutiu as mudanças que atingiram o desenvolvimento das habilidades referente aos trabalhos das mulheres Rikbaktsa. A pesquisa tem como problema norteador: *Qual o papel da mulher no meio social Rikbaktsa e qual a contribuição da mulher para a educação do povo Rikbaktsa?* O povo Rikbaktsa mantém as tradições culturais, e a mulher tem um papel fundamental nos trabalhos culturais dentro da comunidade, e, também no desenvolvimento de atividades profissionais. A pesquisa tem como objetivo geral *analisar o papel da mulher no meio social do nosso povo Rikbaktsa, investigando as mudanças culturais e como elas influenciam o desenvolvimento de suas atividades*. Tem como objetivos específicos: Registrar o trabalho do papel da mulher Rikbaktsa no meio social; identificar a contribuição da mulher para a educação do povo Rikbaktsa; identificar como a escola fortalece nossa cultura; Entender as regras de como é um cerimonial cultural e até onde a mulher tem como obrigação e dever de participar e discorrer sobre as atividades de cerimônia e o papel da mulher em cada ritual que é realizado. A metodologia é a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo via entrevista junto às mulheres da comunidade. A importância do trabalho é justamente para que nosso povo, sobretudo os jovens, possam valorizar o papel da mulher. Com o desenvolvimento da pesquisa construímos o Produto Pedagógico, um material que contém narrativas e as contribuições da mulher no meio social e a sua importância para que esse conhecimento possa ser valorizado pelas crianças e jovens para a preservação da cultura.

Palavras-chave: Mulher Rikbaktsa. Povo Rikbaktsa. Cultura.

RESUMO NA LÍNGUA MATERNA

(Nepyknahe soho) _ Wytykyryk hyiziktsokdawye soho aba mutsaso. Wytykyryk hyiziktsokdawye sihumu, tsihokdaena. Iwazahi wasani ahabiza mynakanaha, iwazatu huitsa iwaze hahaziktsa Iwatsa humu nyny ahabiza mynakanaha, myhudik hudikwyka isapytu, iwahabukhi siraratsa nasibakanaha piknutsa humukino niwatihi, mynamu humukino niwatihi. Abaka mekuatu tasopykyk, tapakyka muhukdaka. Watsõtsitsaktsa ba ziksisukpanaha, abaka mekuwahabotu tsimymysopykyknaha. Iwatsatu mosopykmu humu batu myspiziktokdahuk. Abakino mosopyktu batu myspiziktokdahuk, myhae humudyba niwatihi myspiziktsokdakanaha, myspizikpokowyezeka iwatahatsitsa dyba napupukunaha, iwatsitsahi myspizikpokotsitsa mysisukpanaha iwaze piwatahanaha. Iwatsitsahi jabyitsa pinymynahaze piwatahanaha, iwahapinyahaze he o homokok maha, niwathikta maha hy. Iwaze iwatahaha pinymaha, mysisukpanaha, muzubatuk pitabanaha, Wytykyryk soho humu pinymynaha.

ABSTRACT

This dissertation discusses the role of the Rikbaktsa indigenous woman, as well as the difficulties encountered in the work carried out by them. The research discussed the changes that affected the development of skills related to the work of Rikbaktsa women. The research's guiding problem is: What is the role of women in the Rikbaktsa social environment and what is the contribution of women to the education of the Rikbaktsa people? The Rikbaktsa people maintain cultural traditions, and women have a fundamental role in cultural work within the community, and also in the development of professional activities. The research's general objective is to analyze the role of women in the social environment of our Rikbaktsa people investigating cultural changes and how they influence the development of its activities. Its specific objectives are: To record the work of the Rikbaktsa woman's role in the social environment; identify women's contribution to the education of the Rikbaktsa people; identify how school strengthens our culture; Understand the rules of what a cultural ceremony is like and the extent to which women have the obligation and duty to participate and discuss the ceremony activities and the role of women in each ritual that is performed. The methodology is bibliographical research and field research via interviews with women in the community. The importance of the work is precisely so that our people, especially young people, can value the role of women. With the development of the research, we built the Pedagogical Product, a material that contains narratives and the contributions of women in the social environment and their importance so that this knowledge can be valued by children and young people for the preservation of culture.

Keywords: Rikbaktsa woman. Rikbaktsa people. Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Rikbaktsa construindo e usando as canoas	17
Fonte: Povos indígenas brasileiros, 2024.....	17
Figura 02 (A e B) – Alargadores nas orelhas	18
Figura 03 – Missão Anchieta, 1959	19
Fonte: Povos Indígenas no Brasil, 2020	20
Figura 04 – Área indígena Juruena, Brasnorte, MT.....	21
Figura 05 – Área Japuíra, Juara-MT.....	22
Figura 06 – Área Escondido, Cotriguaçu, MT.....	23
Quadro 01 – Aldeias que se situam nas margens dos rios	24
Figura 08 – Artesanato Rikbaktsa	29
Fonte: Povos Indígenas no Brasil – Rikbaktsa (2021).....	29
Figura 09 – A mulher Rikbaktsa grávida.....	34
Figura 10 – A mulher Rikbaktsa cuidando da filha e cozinhando	35
Figura 11 – A mulher Rikbaktsa na roça	36
Figura 12 – Adolescente e criança na reunião	37
Fonte: Edinele marik (2023).....	37
Figura 13 – Escola Estadual Indígena de Educação Básica Myhyinymykyta Skiripi, Aldeia Indígena Barro Vermelho, MT (A e B)	39
Figura 14 – Alunos indígenas em cerimônia comemorativa na Escola	40
Fonte: Projeto Resgate Histórico das Escolas Estaduais, MT	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo I – CARACTERIZAÇÃO DO POVO RIKBAK TSA	14
Capítulo II – O PAPEL DA MULHER RIKBAK TSA	23
2.1 Aspectos Históricos.....	24
2.2. Aspectos Ambientais e localização dos Territórios Rikbaktsa.....	27
2.3. Aspectos linguísticos Rikbaktsa.....	32
2.4. Narrativas de origem e aspectos culturais do povo Rikbaktsa.....	34
2.5. Ritos de iniciação: participação das Mulheres.....	35
Capítulo III – O PAPEL DA MULHER RIKBAK TSA	38
3.1. O ritual do casamento.....	38
3.2. A vida social da mulher Rikbaktsa: Ser Mãe.....	41
3.3 o papel da mulher no movimento indígena.....	45
3.4. O papel da mulher na educação escolarizada	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado do projeto de pesquisa apresentado na Linha de Pesquisa: *Educação e Diversidade*, abordando o trabalho da mulher Rikbaktsa. O interesse da pesquisa reside na importância do trabalho da mulher Rikbaktsa e seu papel na sociedade, explorando o tema: *O trabalho da mulher Rikbaktsa e seu papel no meio social*. A motivação para este estudo surgiu da constatação de que muitos jovens do povo Rikbaktsa perderam a noção da educação tradicional das crianças, tanto meninas quanto meninos, as mães desempenhavam e desempenham um papel crucial como responsáveis pela orientação e coordenação do lar. Essa responsabilidade materna ainda é evidente nos dias de hoje. O respeito mútuo entre as pessoas mais experientes, as normas de casamento que proíbem uniões dentro do mesmo clã, o respeito pela propriedade alheia e a preparação para uma vida familiar bem estruturada são aspectos fundamentais que permeiam a educação e em que a mulher Rikbaktsa desempenha um papel central em todos os momentos.

Eu, Gesilene Alkdapa, concluí a Licenciatura Intercultural Indígena pela UNEMAT, Campus de Barra do Bugres, em 2016. Na epígrafe do meu TCC, afirmei que todos os trabalhos de pesquisa acadêmica têm como objetivo preservar a cultura do povo Rikbaktsa e evitar seu enfraquecimento. Salientei também a importância de todas as nossas produções escritas e registros fotográficos, facilitados atualmente pelo uso de celulares, contribuindo para semear e cultivar resultados positivos. Estou confiante de que esse trabalho será compartilhado com um público mais amplo, especialmente entre meu próprio povo, que demonstra um interesse crescente em preservar nossa cultura.

Este tema ainda pode contribuir significativamente para o fortalecimento de nossa cultura. Ao ser desenvolvido em sala de aula, demonstra aos alunos e alunas que também está ligado ao nosso processo de aprendizagem educacional, fortalecendo a cultura do povo Rikbaktsa. Nesse contexto, destaca-se a importância do trabalho da mulher Rikbaktsa, de grande auxílio tanto para a minha comunidade quanto para a sala de aula, fornecendo informações essenciais sobre o trabalho da mulher Rikbaktsa. Nossa comunidade mantém suas tradições culturais, e a mulher desempenha um papel crucial nos trabalhos culturais, sendo muitas vezes a única responsável por eles.

Minha investigação abordou tanto como era quanto como é atualmente o papel da mulher Rikbaktsa dentro da comunidade. Em meu TCC, orientado pela Professora Doutora Waldineia Antunes de Alcântara Ferreira, abordei o casamento tradicional Rikbaktsa, que tem sido afetado pelas mudanças dos tempos modernos. Ainda existem rituais importantes dos quais a mulher não participa, como o da furação do dente da onça. Esse ritual é conduzido apenas pelos mais experientes, como os anciãos, enquanto alguns jovens acompanham. A furação ocorre de madrugada, bem cedo, e não participam mulheres e crianças. No entanto, também existem festas com regras e rituais em que a participação da mulher é fundamental, entre outros eventos.

É importante destacar que o povo Rikbaktsa mantém a preservação do meio ambiente, abstendo-se da venda de madeira e da extração de minérios. O meio ambiente desempenha um papel vital para a subsistência do povo Rikbaktsa, fornecendo recursos para a caça, pesca e materiais utilizados na produção de artesanato, tanto para homens quanto para mulheres.

O objetivo geral desta pesquisa foi *analisar o papel da mulher no meio social do nosso povo Rikbaktsa, investigando as mudanças culturais e como elas influenciam o desenvolvimento de suas atividades*.

Como objetivos específicos, escolhemos:

- (a) Registrar o trabalho do papel da mulher Rikbaktsa no meio social;
- (b) Identificar a contribuição da mulher para a educação do povo Rikbaktsa;
- (c) Identificar como a escola fortalece nossa cultura;
- (d) Entender as regras de como é um cerimonial cultural e até onde a mulher tem como obrigação e dever de participar;
- (e) Discorrer sobre as atividades de cerimônia e o papel da mulher em cada ritual que é realizado.

O problema que solecou esta pesquisa foi: *Qual o papel da mulher no meio social Rikbaktsa e qual a contribuição da mulher para a educação do povo Rikbaktsa?*

A metodologia desta pesquisa foi desenvolvida através de três fases previamente elaboradas:

(1) A primeira fase consistiu em um levantamento bibliográfico com o objetivo de investigar outras experiências relacionadas ao trabalho da mulher Rikbaktsa.

(2) Na segunda, foi realizada a pesquisa de campo na Terra Indígena Rikbaktsa, localizada no município de Brasnorte nas aldeias: Barranco Vermelho, Primavera, Beira Rio, Boa Esperança, e outras aldeias onde residem pessoas mais

idosas. Nesta etapa, foram gravados os relatos por meio de entrevistas com mulheres anciãs e anciãos responsáveis pela transmissão de conhecimento, bem como também professoras com o objetivo de coletar informações sobre o passado do nosso povo, especialmente no que diz respeito ao trabalho da mulher Rikbaktsa. Além disso, foram feitas fotografias do cotidiano das mulheres na comunidade.

(3) Na terceira e última fase, realizou-se a fundamentação teórica a partir do material bibliográfico consultado, bem como foram analisadas as entrevistas e conversas com professores e lideranças, o que foi fundamental para a elaboração desta dissertação.

Esta pesquisa estuda o processo de contato com os não indígenas e suas influências nas mudanças de costumes tradicionais relacionados ao trabalho da mulher Rikbaktsa. Estou convicta de que este estudo servirá como uma valiosa fonte de pesquisa para as futuras gerações do povo Rikbaktsa.

O trabalho está dividido em partes textuais que facilitarão a leitura. Assim, a primeira parte tem como título *Caracterização do povo Rikbaktsa*, a qual apresenta um breve relato sobre a língua falada pelo povo Rikbaktsa, bem como o mito de origem do meu povo. O segundo capítulo aborda *O papel da mulher Rikbaktsa*, onde procuramos discorrer sobre a vida social da mulher Rikbaktsa, incluindo uma análise do ritual do casamento e o papel da mulher nos rituais realizados na comunidade. O terceiro e último capítulo trata da *Importância da escola na aldeia*. No final deste estudo, está o produto pedagógico, que é um atlas sociocultural da mulher Rikbaktsa.

O produto pedagógico buscou registrar o papel da mulher na nossa comunidade, ele é de suma importância, e poderá posteriormente ser utilizado em nossas escolas para reafirmar a importância da mulher Rikbaktsa.

Capítulo I

MINHAS MEMÓRIAS DE MULHER RIKBAK TSA

Meu nome é Gesilene Aikdapa, sou da etnia Rikbaktsa, do Clã Arara Amarela, moro na aldeia Palmeirinha do Norte na terra indígena Erikpatsa Município de Brasnorte Mato Grosso. Sou filha do professor Paulo Henrique Martinho Skiripi Nambiquara, a minha mãe se chama Genildes Zazaikba Rikbaktatsa, somos dez irmãos, sendo sete mulheres e três homens, sou a filha mais velha da família. Por ser a filha mais velha os meus pais tinham maior cuidado comigo e me dava maior atenção, mas antes de completar um ano de vida a minha mãe engravidou da segunda irmã que se chama Gesiane Naniuta. Por eu ser muito pequena a minha mãe não podia cuidar, mas de mim por que ela estava grávida, e o meu pai foi o responsável de cuidar de mim, ele me levava para todos os lugares com ele. Passei a ficar muito doente sempre vivia doente, até certos anos e meu pai sempre cuidando de mim, pôs a minha mãe também estava sempre junto, mas com muita dificuldade e nunca nos abandonou.

Assim, a minha família também ajudava no que fosse possível, o meu pai foi mãe e pai para mim ao mesmo tempo, por que eu ficava muito mais com ele do que com a minha mãe, pois ela cuidava da minha irmã ainda bebe, mas graças a deus, cresci e consegui recuperar a saúde, diante de várias doenças que peguei.

Antes a minha família morava na aldeia Barranco Vermelho por ter um problema familiar na família da minha avó, tivemos que abrir outra aldeia, onde a família toda teve que ir morar nessa nova aldeia que se chama Boa Esperança, nesta aldeia passou a morar somente família. Todas as noites o meu vô Roque, Mãe Kata e minha vó Noêmia por parte da mãe, sempre contava história do nosso povo Rikbaktsa e fala dos clãs que o nosso povo tem as suas regras. As histórias, mas contadas para nós, era sobre o mito do nosso povo aonde todos que ficavam em sua volta se encantava com tudo que nós ouvíamos e admirávamos. Tinha história triste e alegres e de terror também. Me lembro das histórias com o nome de homem que perdeu a cabeça no mato, quando saíram para guerrear, história da anta, da sucuri, a guerra dos Rikbaktsa com Cinta Larga, Dudubai, macaco preguiça e outros tipos de histórias.

Nós também sempre ouvíamos a história da infância do meu vô e minha vó que sempre falava da época que passou no internado de Utiriti e como eles eram tratados

pelos padres e irmãs daquela missão, os indígenas que chegavam no internato do Utiriti, ficavam nesse lugar com vários outros povos do estado. Contudo, a história que ouvia dos meus pais, e do meu dos meus avós, me levava a ter várias imaginação e medo também.

A minha infância toda passei nesta Aldeia Boa Esperança com meus primos e irmãs, nós brincávamos o dia todo andava de um lado para outro, tomava banho no córrego, eu andava bastante com meus avós. Sempre eles me levavam na roça e no mato para pegar frutas, lembro que eles me levam bem longe no meio da mata. Na volta para casa, parecia tão distante que a aldeia parecia não chegar. Passava córrego e nunca que chegava em casa, os meus pais sempre preocupados comigo e com minhas irmãs, pois, a tarde se aproximava até que chegávamos em casa e era a maior alegria. Meu pai também ensinava e explicava como que as meninas tinham que se comportar no meio das pessoas principalmente a questão de tratamento com as pessoas.

Aos setes ano de idade passei a estudar, meu primeiro dia de aula foi muito difícil, por não estar acostumada com o novo sistema de educação, principalmente entre quatro paredes e ficar quatro horas sentado no mesmo lugar e manter o silêncio para escutar as explicações do meu professor Tarcísio Butamy, eu me sentia desconfortável e não somente eu como os outros alunos também. Quando eu estava na sala de aula, parecia que a hora não passava e torcia para que as aulas terminassem logo. Às vezes eu chorava na sala por passar muito tempo sentada na escola. Eu não conhecia as letras do alfabeto português e tinha muita dificuldade de conhecer e reconhecer as letras do alfabeto.

Com essa dificuldade que eu tinha, mesmo assim, sempre acordava cedo para ir na escola juntamente com meus irmãos e primos, nós andávamos em torno de 800 metros todos os dia de manhã até a Escola Municipal Santo Inácio, muitas vezes eu chorava pois não queria ir para escola estudar, e meu pai dava broncas em mim dizendo que eu teria que ir para escola, que eu precisava aprender a ler e a escrever.

Assim, eu saía de casa para escola, pois eu sabia que encontraria as outras crianças de outras aldeias, quando encontrava as crianças de outras aldeias, ficava sempre junto com eles para poder brincar. O meu professor Tarcísio ele era muito calmo tinha muita paciência conosco alunos na sala, ele dava aula de matemática, português, ciências sociais e geografia. Ao passar dos anos, comecei a conhecer as vogais e as sílabas e a formar palavras, como por exemplo, nomes de animais,

pássaros, peixes e formar pequenas frases, e assim, aprendi a escrever meu próprio nome, aonde o meu pai ficou super alegre e me deu de presente uma bicicleta na cor rosa para ir à escola e não ia mais a pé até a escola.

Eu fiquei feliz, e ainda assim, eu poderia ir mais rápido para escola e andar para qualquer lugar com essa bicicleta, eu passava o dia todo brincando com essa bicicleta a minha mãe ficava brava por que eu não queria mais saber de ajudar ela com os afazeres de casa e muito menos a fazer tarefas que meu professor passava para fazer em casa deixava tudo para fazer em cima da hora mas sempre fazia certinho com ajuda do meu pai que sempre estava comigo.

Do 6º ao 8º ano do ensino fundamental tive dois professores um que se chama professor Aristóteles Manyumutsa e o professor Paulo Enrique Skiripi, nessas séries eu já sabia escrever e a ler mas tinha muita dificuldades em produzir texto grandes e tinha muita vergonha de apresentar o meu trabalho na frente para outros alunos. Meu professor de português que era meu pai, tinha uma boa explicação e clareza quando dava aula para nós, ele sempre falava que nós alunos tinha que aprender a explicar melhor e fazer um texto bem feito e a perder a vergonha.

Ele falava bastante da faculdade que ele cursava e também de suas experiências dentro da sala, sempre motivando nos alunos quando fosse maior de idade ser alguém que pudesse defender o seu povo. Que um dia alguém fosse entrar em uma faculdade deveria estudar e aprender muita de coisa de fora, mais que não deveríamos deixar a cultura de lado e ter uma boa profissão.

Já o meu professor Aristóteles ele nos ensinava, mas as práticas culturais a valorização da cultura e também dava aula na língua materna e matemática. Por eu não falar a minha língua materna, tinha muita dificuldade de escrever até por que eu não tinha sido alfabetizada na língua materna ainda, passei ser depois que o professor Aristóteles veio trabalhar com nos na aldeia Barranco Vermelho e passou a nos ensinar, sempre gostei de todas as disciplinas, mas o que eu mais gostava era na aula de educação física, arte, história, geografia ciências humanas essa eram minhas aulas preferidas, o que eu menos gostava das disciplina era a matemática talvez por não ter dado tanta importância em aprender isso me prejudicou muito mas sempre foi interessada em aprender e melhorar cada vez mas sempre estudava na parte da manhã.

Na parte da tarde eu ajudava a minha mãe a cuidar dos meus irmãos pois eles eram todos pequenos eu era a maior e mais velha de todos. Ao passar dos anos

tivemos que abrir uma nova aldeia, este mais próximo da minha escola pois o meu pai era professor, assim era mais fácil para ele trabalhar, meu pai construiu uma casa a onde morava somente nós, os filhos e filhas e mais ninguém.

A minha mãe não queria mudar de uma aldeia para um novo lugar, pois ela sabia que sempre ela iria ficar sozinha com os filhos, por que meu pai sempre saia para estudar na UNEMAT de Barra do Bugres para que nós pudéssemos ter uma vida financeira melhor, ele também sempre saia para as reuniões pelo Brasil e fora do Brasil juntamente com os caciques e lideranças de outras aldeias Rikbaktsa para defender as causas indígenas do nosso povo.

Por ser a filha, mais velha, sempre fiquei com minha mãe e meus irmãos em casa e ajudava em tudo que era preciso, lavar louça no córrego, buscava água no córrego para fazer comida. Quem estava sempre comigo era minha irmã Gesiane naniuta, era muito difícil de nos separar uma da outra. Quase toda tarde eu ia visitar os meus avós na aldeia Boa Esperança pois sentia muita falta deles e dos meus primos Ederlene, Edenilson, meu tio Gilsimar Mãikata, Vanilsa, Adagilsa estes são os que mais ficávamos juntos. Com o passar dos dias, fui me acostumando a morar nesta nova aldeia só tinha medo à noite quando lembrava das histórias de assombração que meus avós contavam. Mas com o passar do tempo fui me acostumando e entendendo que as coisas nem tudo eu poderia ter medo o meu pai sempre conversava bastante comigo sobre isso.

Minha primeira festa cultural

As festas culturais que eu participei foi a festa do cacique Darci e da minha vó Mônica Neydy por parte do pai. Eu morava um pouco longe e via minha vó poucas vezes e sempre ela me recebia muito bem na casa dela. A festa da seca era feita na aldeia Barranco Vermelho a onde todas as tardes tinha dança do toque de flautas e cantos nas línguas maternas e muitas chichas, esta era minha primeira festa cultural que eu participava aonde veio várias pessoas de outras aldeias que eu nem conhecia. Nesta festa, tinha muitas pessoas novas, anciões, crianças acompanhados dos seus pais vieram pessoas de todos os lugares somente para participar das festas tradicionais, era muito animados todos com suas pinturas corporais de acordo com seu clã sempre quem me pintava era as minhas vós Mônica Neidik e Noemia Oditsouk me enfeitava com vários colares de semente aonde ela pediu para mim dançar no braço do meu tio Dauri por ele ser de outro clã eu teria que dançar no braço dele e

pedi alguma coisa em troca como: peixes ou matar alguns animais gordo para mim, no final da festa tinha vários tipos de danças e furação de nariz e ranha perna para tirar sangue ruim para que as crianças e jovens cresçam forte e saudável, e o meu pai me levou eu e minhas irmãs para arranhar nossas pernas e eu chorava muito de medo mesmo assim tivemos que arranhar para que nós crescermos saudável, em quanto isso eu vi de longe furação de nariz com espinho do tucumã o senhor bem de idade fazendo tudo o processo de furação.

A experiência no Ensino médio

Quando comecei a estudar no Ensino Médio, eu já sabia ler e escrever muito bem, mas ainda tinha dificuldade na matemática e tinha dificuldade de falar na frente para apresentar trabalhos. No ensino médio eu tive vários professores, por ser o ensino que exigem, mas disciplinas e conteúdos mais profundos. Entre os professores que tive estão: Arruda Nonato, Rosinete, Isidoro, Aristóteles e Paulinho. Cada professor trabalhava com a sua disciplina diferente e era muito boa as aulas dos professores aonde tinha alunos de outras aldeias e assim, aprendi muitas coisas diferente e isso me motivava bastante em aprender cada vez mais.

Cartografando a experiência em sala de aula

Meu primeiro contato com a sala de aula como professora, foi quando meu pai começou trabalhar no estado e município, por ele estar muito ocupado de trabalho, foi quando ele pediu para que eu o ajudasse em sala de aula com seus alunos, foi aí que comecei a ir com ele na sala de aula quase todas as vezes só para ajudar ele. Assim eu o ajudava ensinar os alunos a escrever e a ler. Ajudava as crianças de como segurar um lápis correto, ajudava a desenhar. Como, nós ainda não tínhamos prédio escolar ou melhor sala de aula, sempre nos ficava com os alunos de baixo do pé de manga ou de uma casa que ficava meio abandonado e algumas das vezes servia como dormitório.

E meu pai sempre me incentivando a ser como ele professor que ajuda as pessoas e que as escolas precisavam de mais professores. Mas a minha maior vontade mesmo, era ser enfermeira achava muito bonito as pessoas se vestir de branco e cuidar da saúde das outras pessoas, mesmo sem terminar o primeiro ano do ensino médio quase sempre que podia eu estava ajudando ele na sala de aula, mas eu tinha muitas preguiças de ir na escola pois odiava acordar de manhã.

Nessa quadra da minha vida, eu engravidei do meu primeiro filho aonde a minha família ficou muito surpresa com esta notícia eles não esperavam isso de mim eu tinha apenas quinze anos e eu nem sabia como contar isso para meus pais eu ficava muito triste comigo mesmo por não ter ouvido o que meu pai me falava, mas acabei me casando com o pai do meu filho foi feito a cerimônia de casamento tudo tradicional Rikbaktsa aonde também tinha muita gente de outras aldeias. Mesmo sem terminar o ensino médio eu não parei de estudar sempre estava em sala de aula mesmo grávida e logo em seguida tive meu primeiro filho homem fiquei três meses afastada por ele ser pequeno e depois voltei a escola de novo para terminar o ensino médio e sempre leva comigo o meu filho dentro da sala de aula. Foi assim até terminar minhas aulas que terminou no ano 2008 aonde tivemos a nossa formação.

Minha primeira vez em sala de aula como professora

Logo após minha formatura surgiu uma vaga para dar aula na escola municipal Santo Inácio EJA Educação de Jovens e Adultos aonde meu nome foi indicada pela comunidade para que eu fosse trabalhar com os alunos. Esses alunos eram meus próprio tios e meus avós, no começo fiquei com receio de aceitar por que eram pessoas que tinham mas idades que eu, por estes motivos me sentia desconfortável de aceitar, meu pai veio conversar comigo falando que eu tinha que aproveitar as oportunidades que a comunidade nos oferece que não e qualquer pessoas que que a comunidade confia.

Por fim, acabei aceitando em trabalhar na sala de aula, foi uma experiência muito boa trabalhar como professora do EJA ainda mais com alunos que tinha seus conhecimento mas avançados nas práticas culturais a onde eu sentia dificuldade na questão da língua materna mas consegui a prende também com eles coisas que nem eu tinha conhecimento, mas em outras disciplina eu conseguia lidar com facilidade, as aulas eram divertidas pois via que, por eles serem adultos, buscar muito interesse de aprender a ler e escrever por que muitos estavam ali para a aprofundar seus conhecimentos e também busca grau de escolarização para poder trabalhar, apesar que nós não tínhamos sala de aula, nós estudávamos debaixo do pé de manga perto da casa da vó Mônica, os lanches eram dos próprios alunos que levavam da casa para nós e sempre minha vó Noêmia levava alguma coisa pra mim de lanche as vezes era pão, mandioca com carne, cara, peixe frito e outros, eu gostava muito de receber tudo isso.

Trabalhei um (01) ano com alunos do EJA 2009 a 2010 aonde foi bom, no outro ano tinha outras vagas na sala de aula para mim poder trabalhar, eu acabei aceitando ficar com outros alunos do ensino médio regular 1 ano, por que pra mim não tinha mas graça em trabalhar com EJA por motivo de que eu perdi a minha vó Noêmia ela também era minha aluna que sempre estava comigo e os alunos também se sentiu muito com a perda dela no ano 2010 comecei a trabalhar com ensino médio para mim já era tudo diferente pois exigia, mas trabalho, ai comecei a participar dos encontros professores do Noroeste de Mato Grosso das formação dos professores Rikbaktsa e com isso foi tendo novos conhecimento e aprendizados diferente que antes eu não tinha. Nestes encontros também fui conhecendo novos profissionais da educação e fazendo novas amizades e conhecendo a cultura de outros povos e suas dificuldades, nesta época eu já estava com terceiro filho, tudo era mais difícil, mesmo assim, isso não impedia de eu sair para trabalhar e ou participar das reuniões quando fosse convidada.

A faculdade

Em 2011 saiu o edital para fazer a faculdade indígena intercultural na Barra do Bugres MT, aonde foi incentivada pelo meu pai e familiares, que me dizia sobre a faculdade que era muito bom e também que seria muito importante para minha carreira profissional como professora. Assim, eu poderia ajudar a minha comunidade que estava precisando de professores com faculdade. Foi aí aonde me escrevi, e tive uma boa notícia, que tinha passado para estudar na graduação em licenciatura foi uma felicidade muito grande, que nem eu mesma estava acreditando que eu tinha passado para fazer faculdade e ao mesmo tempo pensei nos meus filhos, por eu nunca tinha ficado tanto tempo longe deles, eu já estava com três filho todos pequeno com diferença de um ano e pouco, mas eu sabia que eu estava fazendo uma boa escolha e quando estivesse maior entenderiam porque eu estudava. E foi aí que eu tive que levar meu filho de um ano e meio para cidade de Barra do Bugres junto comigo para estudar.

Fiquei estudando na Barra do Bugres durante cinco anos, que as aulas eram por etapas, sempre na época de férias nós tínhamos aulas na faculdade. Enquanto meus alunos ficavam de férias eu estava estudando para buscar conhecimento metodologia para ensinar meus alunos em sala de aula quando voltasse para aldeia. Durante esse período de estudo aprendi muitas coisas boas, tive outra visão de

estudos e outros pensamentos que antes eu não tinha. Conheci vários professores, foi uma outra realidade que antes nunca tinha vivido, eu tive dificuldade com algumas disciplinas, mas sempre tentei solucionar com o professor Paulinho e o meu marido que sempre me ajudava nas digitações a onde eu tinha maior dificuldade por não ter habilidades com o computador, mas nunca deixei de fazer meus trabalhos, consegui fazer a minha formação no ano de 2015 teve maior festa com todos os professores.

A minha orientadora foi a professora Waldinéia, eu agradeço muito a ela, por ter me ajudado durante o meu estudo. Após minha graduação, continuei trabalhando na escola como professora e logo em seguida passei mal e fiquei muito doente em casa. Ali estava novamente os meus pais para me ajudar agora para me salvar, tiveram que me levar às pressas onde tive que passar por uma cirurgia de emergência, eu sentia muitas dores no abdômen e fui diagnosticada com cisto hemorrágico, mas com ajuda dos médicos e as enfermeiras eu consegui recuperar.

Passando dois ano e meio eu acabei engravidando e tive, mas um filho que é meu caçula ele se chama Noan Victor Bismy. Por decisão minha e do meu marido decidimos que este será último filho e cabei fazendo laqueadura aos vinte cinco anos de idade. Por causa dos meus filhos eu cabei ficando, mas em casa e com os trabalhos da escola, mas eu tinha outras coisas que ajudava na comunidade, fui a segunda secretaria da associação ASIBV durante dois anos e fui eleita, mas dois anos como primeira secretaria desta associação.

A minha ida para mestrado

Quando resolvi fazer a prova para mestrado pela primeira vez não deu certo por que eu não tinha atualizado o meu currículo lattes, por este motivo, não fiz a minha inscrição, mas eu já estava com o projeto de pesquisa pronto e foi quando pedi ajuda para o professor Arruda e professor Paulinho e professor Givanildo para fazer a formatação dos textos.

Na segunda vez, eu nem cheguei a tentar por que sabia que meu currículo não estava ainda atualizado por que eu nem lembrava a senha do meu e-mail, mas pedi ajuda para o enfermeiro Joas que trabalhava conosco na saúde indígena para ele recuperar minha senha do e-mail do CNPq. Finalmente ele conseguiu recuperar a senha, e assim, fizemos a atualização do meu currículo e no final do ano de dois mil e vinte um, fiz minha inscrição com ajuda do diretor da escola Moraes Cezar e apresentei meu projeto de pesquisa e foi a provado e fiz a minha entrevista e eu estava

na cidade de Vilhena-RO, fiz dentro do hotel, eu estava muito nervosa e preocupada de como que seria a minha entrevista mas acabou dando tudo certo. Depois de uma semana recebi a notícia que eu tinha sido a provada no mestrado em Barra do Bugres MT, eu fiquei muito feliz com a notícias e por eu ser a primeira mulher Rikbaktsa a estar cursando o mestrado pela Unemat assim posso ajudar meus alunos e minha comunidade no que for possível dentro do meu conhecimento.

Essa é a minha história, uma Rikbaktsa com diferentes vivências, e conquistas. Todas as conquistas da minha vida e as vivências são formas de contribuir com o meu povo.

CAPÍTULO II

CARACTERIZAÇÃO DO POVO RIKBAK TSA

Iniciei falando de mim, da mulher Rikbaktsa que sou, mas é preciso trazer o meu povo, quem somos nós, e as conquistas dos nossos direitos, iniciando pelo reconhecimento dos não indígenas, de forma legal que somos indígenas, e que temos direitos aos nossos costumes e tradição.

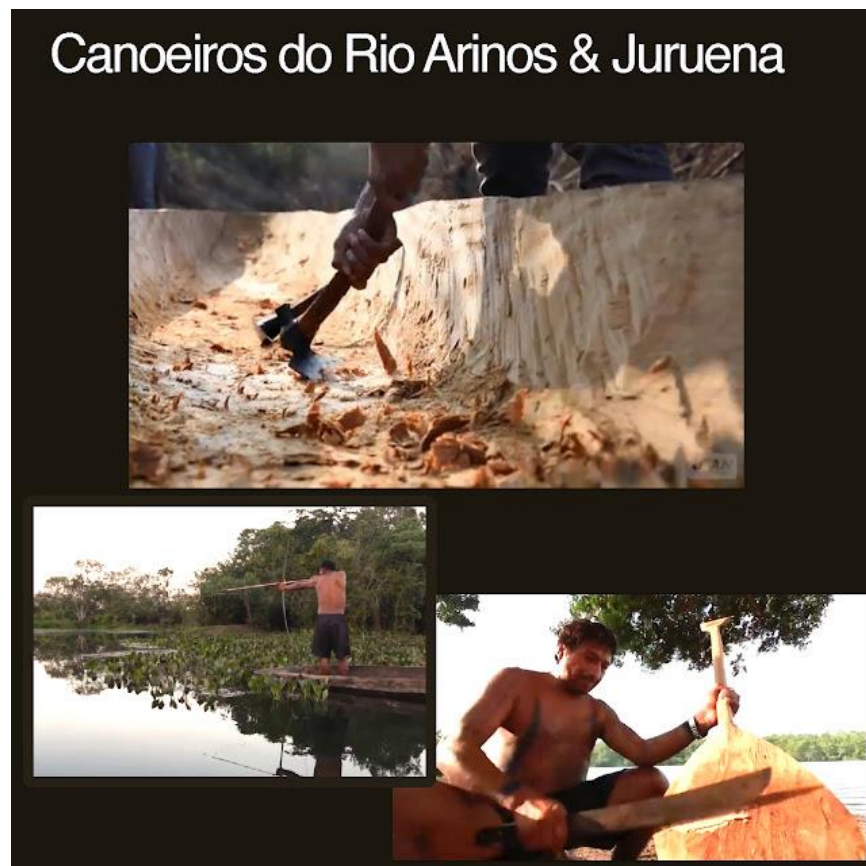
A Constituição Federal de 1988, no Capítulo VIII – Dos índios (artigos 231 e 232) garantiu aos povos indígenas:

Art. 231. [...] sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Assim, foi abandonada a ideia e integração à sociedade branca, reconhecendo oficialmente o direito desses povos de preservar suas especificidades culturais, bem como garantir o acesso aos conhecimentos que já constituem um patrimônio da sociedade brasileira.

2.1 Aspectos Históricos

Figura 01 – Rikbaktsa construindo e usando as canoas



Fonte: Povos indígenas brasileiros, 2024.

Para falar da nossa história, apresento os Rikbaktsa. O povo Rikbaktsa também são conhecidos como “canoeiro” por usarem frequentemente canoas em suas atividades diárias. *Rikbaktsa* significa “os seres humanos”. *Rik* é pessoa, ser humano; *bak* é um reforço de sentido e *tsa* marca a forma plural. é

Além disso, também fomos conhecidos como “orelha de pau” devido ao uso de grandes adornos feitos de madeira especial, usados nas orelhas, o que lhes rendeu esse apelido.

Figura 02 (A e B) – Alargadores nas orelhas



Fonte: Wikipédia, 2024

Até aproximadamente a metade do século XX, permaneceram desconhecidos. Pacini (1999, p.7-8) relata que “a presença dos Rikbaksta na região é uma incógnita, uma vez que nenhum autor, viajante ou cronista menciona explicitamente os Rikbaksta, Canoeiro ou Orelha de Pau, antes de 1942”.

Tidos como guerreiros ferozes na década de 1960, sofreram a agressão armada de seringueiros, madeireiros, mineradores e fazendeiros, o que resultou no extermínio de 75% de sua população (Arruda, 1998). A história dessa etnia é marcada por perdas em seu território tradicional, bem como de pessoas por doenças ou conflitos com os não indígenas que chegaram à região para colonizar. Além disso, inúmeras perdas culturais, costumes, crenças e a língua materna, deixando marcas profundas no povo Rikbaktsa e em todas as suas gerações.

A partir da “pacificação” dos Rikbaktsa, financiada pelos seringalistas e realizada pelos jesuítas entre 1957 e 1962, seu território tradicional passou a ser

ocupado por diversas frentes pioneiras, de extração de borracha, madeiras, mineradoras e agropecuárias. Durante e logo após a pacificação, epidemias de gripe, sarampo e varíola dizimaram 75% de uma população calculada em cerca de 1.300 pessoas. Perderam a maior parte de suas terras e a maior parte das crianças pequenas foram retiradas das aldeias e educadas no Internato Jesuítico de Utiariti, situado no rio Papagaio, a quase 200 km de sua área, junto com crianças de outros grupos indígenas também contatados pelos missionários. Os adultos remanescentes foram sendo gradativamente transferidos de suas aldeias originais para aldeias maiores e mais centralizadas sob a direção catequizadora dos jesuítas. Em 1968 tiveram demarcada cerca de 10% de seu território original – a Terra Indígena Erikpatsa – as crianças foram sendo levadas de volta para as aldeias e a atuação missionária nele se centralizou.

Na década de 1970, a atuação missionária se modificou, atenuando seu autoritarismo, reconhecendo o direito dos povos indígenas à sua própria cultura e abrindo mais espaço, sempre reivindicado pelos Rikbaktsa, a uma maior autonomia. Desde então, passaram a lutar pela recuperação de parte de suas terras. Em 1985, conseguiram retomar a região conhecida por Japuíra. Continuaram a luta pela região do Escondido, demarcada pelo Estado brasileiro só em 1998, estando, entretanto, invadida por garimpeiros, madeiras e empresa de colonização.

Eram bem conhecidos pelos grupos indígenas vizinhos com os quais não tinham relações de cordialidade. Famosos por seu instinto guerreiro, lutaram com os Cinta-Larga e Suruí a oeste, na bacia do rio Aripuanã; com os Kayabi a leste e com os Tapayuna a sudeste, no rio Arinos; com os Irantxe, Paresí, Nambikwara e Enawenê-Nawê ao sul, no rio Papagaio e nas cabeceiras do rio Juruena; com os Munduruku e Apiaká ao norte, no baixo rio Tapajós. Opuseram resistência armada aos seringueiros até 1962 (Indígenas brasileiros, 2016).

Figura 03 – Missão Anchieta, 1959



Fonte: Povos Indígenas no Brasil, 2020

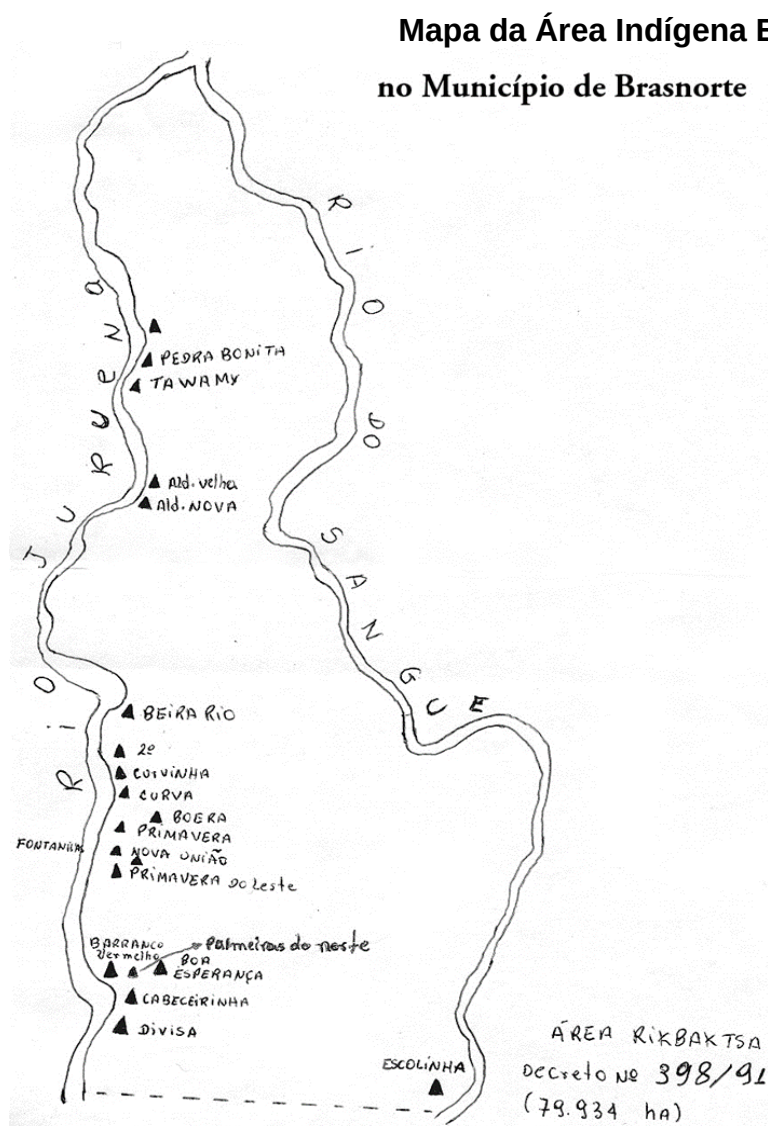
2.2. Aspectos Ambientais e localização dos Territórios Rikbaktsa

Os territórios indígenas do meu povo Rikbaktsa estão na Amazônia brasileira, um espaço geográfico rico em biodiversidade e culturas. Nesse espaço encontra o meu povo Rikbaktsa e também os nossos territórios.

Os territórios são demarcações sociopolíticas “A análise sobre os modos de ocupação territorial Rikbaktsa teve ainda como base a noção de territorialização (Oliveira, 1998), de acordo com a qual os processos de reconfiguração territorial em contextos intersocietários compreendem igualmente processos de reestruturação social”. (Almeida, Athayde, Castorinoc, Seluchineskd e Silveira, 2016, p.75).

Na sequência, os mapas com a localização do nosso povo.

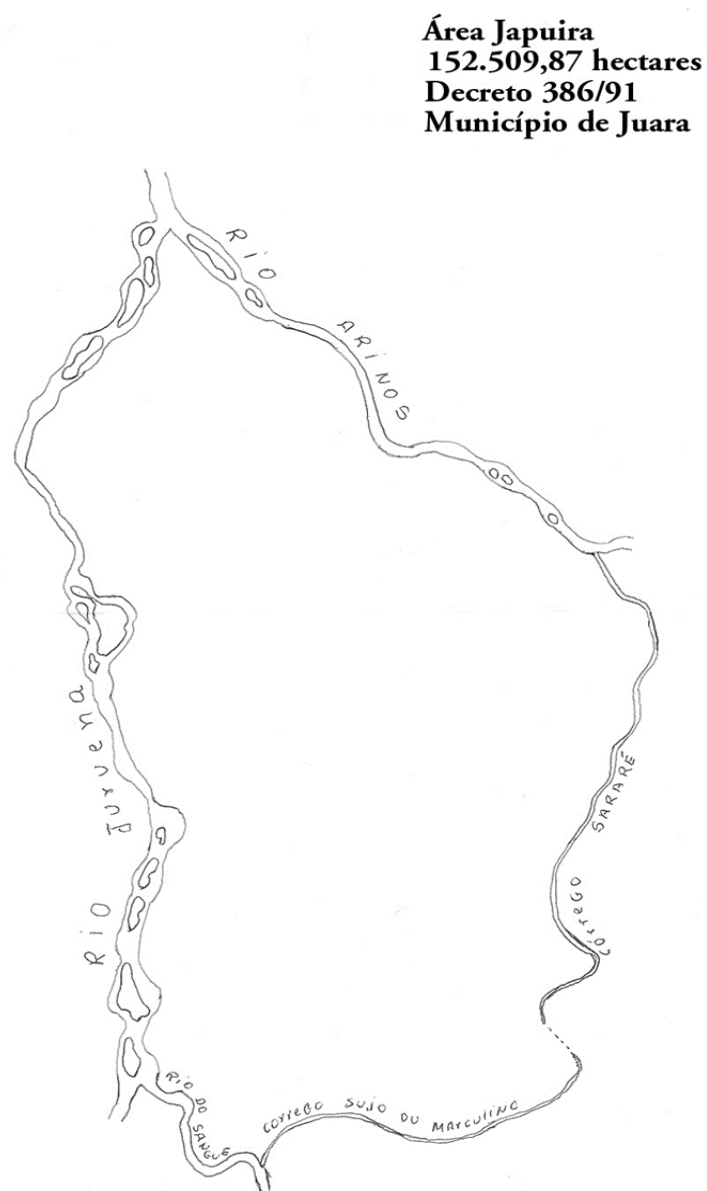
Figura 04 – Área indígena Juruena, Brasnorte, MT



Fonte: Paulo Henrique Skiripi (desenho manual)

A área indígena Erikpatsa, localizada no Município de Brasnorte 79.934,8010ha (setenta e nove mil, novecentos e trinta e quatro hectares, oitenta ares e dez centiares)

Figura 05 – Área Japuira, Juara-MT.



Fonte: Paulo Henrique Skiripi (desenho manual)

O povo indígena Rikbaktsa sofreu um forte impacto durante o período de colonização, que se manifestou de várias formas, incluindo impactos socioculturais, linguísticos e medicinais. Hábitos alimentares, festas culturais e instrumentos musicais, além da substituição dos costumes tradicionais foram sendo substituídos pelos dos colonizadores. Isso resultou em diversas mudanças após o contato, incluindo perdas significativas de costumes e tradições devido à integração social, e uma redução considerável da população, chegando a quase dizimar 75% dela, restando apenas cerca de duzentas pessoas. Para sobreviver, muitos tiveram que

viver fora da aldeia, frequentando o internato de Utiariti junto com outros povos, o que os expuseram a novos elementos culturais, tanto indígenas quanto não indígenas.

Figura 06 – Área Escondido, Cotriguaçu, MT



Fonte: Paulo Henrique Skiripi (desenho manual)

São 34 aldeias localizadas às margens do rio Juruena¹, com uma população aproximada de 1.800 a 2.000 pessoas, de acordo com os dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) do Município de Juína. Essas 34 aldeias estão distribuídas nas Terras Indígenas Japuíra (em Juara), Escondido (em Cotriguaçu) e Erikbaktsa (em Brasnorte), abrangendo três municípios diferentes.

¹ Rio Juruena é um dos principais rios da região e está ameaçado por grandes empreendimentos, como usinas hidrelétricas (UHE) e pequenas centrais hidrelétricas (PCHs).

Às margens do Rio do Sangue, localizado no município de Brasnorte, em Mato Grosso, estão situadas as seguintes aldeias: Aldeia Escolinha, Aldeia Vale da Ilha, Divisa, Cabeceirinha, Barranco Vermelho, Cajueiro, Primavera, Curva, Curvinha, Segunda, Beira Rio, Areia Branca, Aldeia Nova, Aldeia Velha, Seringal I e Seringal II. Também às margens do rio Juruena, porém no município de Juara, encontram-se as seguintes aldeias: Divisa Marcolino, Jatobá, Pé de Mutum, Cerejeira e Japuira.

O Quadro 1 apresenta algumas das aldeias localizadas às margens dos rios que banham nossas terras. Outras ficam um pouco mais distantes das margens desses rios mencionados, por isso não estão listadas.

Quadro 01 – Aldeias que se situam nas margens dos rios

MUNICIPIO	TERRA	ALDEIA	RIO
Brasnorte	Erikpatsa	Escolinha	Rio do Sangue
Brasnorte	Erikpatsa	Vale da Ilha	Rio do Sangue
Brasnorte	Erikpatsa	Divisa	Rio Juruena
Brasnorte	Erikpatsa	Cabeceirinha	
Brasnorte	Erikpatsa	Barranco Vermelho	Rio Juruena
Brasnorte	Erikpatsa	Cajueiro	Rio Juruena
Brasnorte	Erikpatsa	Primavera	Rio Juruena
Brasnorte	Erikpatsa	Curva	Rio Juruena
Brasnorte	Erikpatsa	Curvinha	Rio Juruena
Brasnorte	Erikpatsa	Segunda	Rio Juruena
Brasnorte	Erikpatsa	Beira Rio	Rio Juruena
Brasnorte	Erikpatsa	Areia Branca	Rio Juruena
Brasnorte	Erikpatsa	Aldeia Nova	Rio Juruena
Brasnorte	Erikpatsa	Aldeia Velha	Rio Juruena
Brasnorte	Erikpatsa	Seringal – I	Rio Juruena
Brasnorte	Erikpatsa	Seringal – II	Rio Juruena
Juara	TI-Japuirá	Divisa Marcolino	Rio Juruena e Rio Arinos
Juara	TI-Japuirá	Jatobá	Rio Juruena e Rio Arinos
Juara	TI-Japuirá	Pé de Mutum	Rio Juruena e Rio Arinos
Juara	TI-Japuirá	Cerejeira	Rio Juruena e Rio Arinos
Juara	TI- Japuirá	Japuirá	Rio Juruena e Rio Arinos
Cotriguaçu	TI- Escondido	Castanhal	Rio Arinos

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

2.3. Aspectos linguísticos Rikbaktsa

Os Rikbaktsa falam uma língua que recebe o mesmo nome; é a única língua da família, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, que engloba um grande grupo de línguas nativas para o qual ainda não há uma definição específica (Museu do Índio, 2011).

A língua aparece na classificação da UNESCO (2009) como fortemente ameaçada de extinção; é bastante complexa e heterogênea. Em termos gerais, pode-se afirmar que a situação sociolinguística atual é caracterizada pelos que falam Rikbaktsa e português (mais velhos) e somente o português pelos adultos com menos de 40 anos, dos jovens e das crianças (Silva, 2005).

Aqueles que nasceram após os primeiros contatos missionários e que foram retirados de suas aldeias quando ainda crianças não falam a língua nativa ou trataram de reaprendê-la, ao retornarem para as aldeias. Alguns velhos falam Rikbaktsa e pouco entendem do Português.

A maior parte dos mais jovens, crescida e educada nos arredores do posto jesuítico do Barranco Vermelho, compreendem perfeitamente a língua Rikbaktsa, mas evitam se expressar no idioma materno. Os filhos desses jovens, de uma maneira geral, não aprendem a língua materna, principalmente aqueles que vivem longe de avós e bisavós, pois o contato com o idioma nativo é menos constante do que o recomendável (Museu do Índio, 2011).

Culturalmente, nós os Rikbaktsa temos alguns aspectos que precisam ser mencionados. Por exemplo, é na casa dos homens (*mykyry*), onde fazem plumárias, flechas, degustam caças e contam os detalhes das caçadas, local onde se ensina mais intensamente todas essas atividades aos mais jovens, o idioma Rikbaktsa é predominante. Dentro das casas podemos ouvir tanto o Rikbaktsa quanto o Português, se lá moram também membros de mais idade (Museu do Índio, 2011).

Os indígenas mais velhos estão preocupados com a possível quebra na condução de ritos e propagação de tantas outras modalidades de saber. Para evitar a extinção do idioma, o Projeto de Documentação da Cultura, quanto o Projeto de Documentação da Língua Rikbaktsa, desenvolvidos entre este povo, estão incluídos no Projeto de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas Brasileiras (Museu do Índio, 2011).

A preocupação dos anciões dos Rikbaktsa tem razão de ser, porque, segundo o Informativo do Museu do Índio (FUNAI, 2011), no Brasil, vivem atualmente, em torno de 460 mil indígenas, distribuídos entre 225 diferentes grupos étnicos. Há ainda diversos outros que estão requerendo sua condição indígena, além de cerca de 60 referências a grupos ainda não contatados. Esse patrimônio encontra-se sob ameaça de desaparecer, em grande parte, no decorrer deste século.

Em 2009, foi feito um esforço nacional de registro e documentação para proteger, reforçar e revitalizar as muitas línguas e culturas indígenas ainda existentes no território brasileiro. O trabalho é dividido em três áreas de atuação – *Prodoclin*, *Prodocult* e *Acervo* – e desenvolvido em conjunto com o Instituto Max Planck, da Alemanha, e várias universidades e centros de pesquisa do País, com o apoio da Fundação Banco do Brasil e da Unesco (Museu do Índio, 2011).

O Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas – PROGDOC atua em 109 aldeias de norte a sul do Brasil, com a participação e intervenção direta dos indígenas, possibilitando a documentação e o registro de aspectos específicos de 39 culturas, beneficiando uma população superior a 28 mil índios. Todo o material produzido está consolidando um acervo digital, em segurança no Museu do Índio (Museu do Índio, 2011).

Os povos indígenas já começaram a receber os frutos desse trabalho. O Museu do Índio já preparou e entregou sete levantamentos às comunidades Xavante (MT), Ikpeng (MT), Rikbaktsa (MT), Paresi (MT), Wajãpi (AP), Maxakali (MG) e Kanoê (RO). São registros audiovisuais, acervos tratados e digitalizados, dicionários, gramáticas, materiais de divulgação como vídeos, CDs e DVDs, entre outros produzidos durante o projeto. Seus conteúdos são validados e qualificados por mestres e especialistas de cada comunidade para uso em escolas e centros de documentação nas aldeias e terras indígenas. Todo o material é tratado e disponibilizado para os povos indígenas (Museu do Índio, 2011).

2.4. Narrativas de origem e aspectos culturais do povo Rikbaktsa

Todo povo tem uma narrativa que explica sua origem e ela faz parte da cultura do respectivo povo. Assim trago o mito de origem do povo Rikbaktsa, conforme narrado pelos anciões, existem duas passagens sobre o surgimento do povo, sendo uma delas contada até hoje às crianças. No entanto, de acordo com Aikdapa (2016, p. 12):

O meu avô Roque Maikata Rikbaktsa conta que antigamente todos os animais eram seres humanos. Esses animais conversavam, e na aldeia havia uma mulher que tinha um menininho, e sempre que ela ia para a roça deixava o menino em casa. Havia outra mulher que tinha muita inveja dessa mulher que tinha filho. Então, um dia ela foi no lugar onde aquela mãe deixava o filho. Chegando lá ela pegou o menininho e o apertou, mexeu na piroca dele e foi com tanta força que ficou bem inchado. [...] Assim, jogaram a rede na água de novo e conseguiram pegar o cará. Levou ele para o seco, assim é que o povo Rikbaktsa veio através do cará. Um deles casou com esse peixe e foi tendo filhos e os seus filhos foram casando com outras pessoas da aldeia e foram aumentando e formando as famílias.

A crença de que o peixe cará é nossa mãe é profundamente enraizada em nossa cultura. Segundo nossa tradição, em tempos antigos, todos os animais falavam, o que indica que já existia vida na Terra, porém havia escassez de alimentos. Naquela época, os homens não usavam arco e flecha para caçar. Em vez disso, eles cercavam os animais, até que o animal fosse encurralado e então pudesse ser abatido.

Ainda encontramos outras narrativas que tentam explicar nossa origem, conforme o Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Pedagogia Intercultural, de Idinei Zotsitsa, UNEMAT, orientado pelo Professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino, em 2016:

O “Segredo da preguiça”, dizendo que os clãs surgiram quando os homens arrancaram o rabo do bicho preguiça, enquanto ela comia fruta no alto do pé da 24 fruteira. Os homens arrancaram o rabo, porque ela não derrubava os frutos para o pessoal que estava no chão comer. Quando arrancaram o rabo da preguiça ficou um poço grande de sangue no chão, então os pássaros e animais que deram a origem dos clãs tomaram banho com sangue. O clã da Arara Cabeçuda foi o primeiro a tomar banho, por isso ficou com a cor vermelha muito forte (Zotsitsa, 2016).

Essas narrativas são importantes porque elas são próprias do meu povo e respeitamos as versões contadas pelos anciãos. Mas sabemos que antes, os animais eram humanos e que os clãs vieram dos animais e dos pássaros. A anciã Maria Lúcia conta que antes todos animas conversavam e não tinham divisão das coisas como e hoje, ela diz antes todos animas e pássaro peixe falavam. Assim, nós Rikbaktsa aprendemos a dançar na festa.

2.4 Ritos de iniciação: participação das Mulheres

Desde nascimento de uma criança feminina ela já recebe vários cuidado e regras para que ela cresça com vários aprendizados. As mulheres, usavam uns traços (tatuagens) nas laterais dos olhos, tatuagem na parte inferior da boca, nariz furado para usar enfeite nas festas, também tatuam as coxas e utilizam franjas nos cabelos. Hoje quase ninguém é assim. Os homens e mulheres mais antigos com mais de 60 anos ainda têm essas características. Os que já tiveram contato com os não índios quase perderam essas características. O bom é que a juventude (novas gerações) começou a fortalecer e colocar algumas coisas da cultura tradicional em prática, como cantos, danças, furo no nariz, pinturas corporais, pinturas faciais e seus próprios artesanatos para seu uso. Mesmo não sendo exatamente como os dos antepassados, furam orelhas para usar pequenas argolas de madeira. Não seguem as normas de furos do passado porque eram bem rígidas. Continua difícil colocar em prática a língua materna, os toques de flautas grandes, as festas culturais grandes como festa de chuva e de seca, usar grandes argolas (botoques) nas orelhas e tatuagens no peito dos homens e na boca das mulheres (Zotsitsa, 2016, p. 13).

A caça e a pesca diminuiram porque os peixes dos nossos rios e também alguns animais estão em extinção. Não são somente nós, povos indígenas, pescamos, diminuindo a quantidade dos peixes e alguns não respeitam o período da piracema e pescam peixes para comércio em grande escala. Caçamos somente animais e pássaros que consumimos a carne, usamos penas, ossos, dentes, pelos para fazer os nossos artesanatos que utilizamos em nossas festas tradicionais. Ainda que tenham nossas oferendas espirituais e culturais em festas tradicionais serão insubstituíveis outros animais igual onça, anta e gavião real, para isso temos que caçar para capturar e manter a tradição. Como outras fontes de renda, contamos com coleta da castanha do Brasil na sua época, que vai de novembro até o mês de maio. Temos também a seringueira nativa da qual é extraída látex por poucas pessoas da comunidade, e se pode também fazer colar de sementes e de coco feita por mulheres. Na época de frutas, saímos para colher frutas no mato com mulheres e as crianças. E na época da seca, pescamos com timbó e é muito animado, pegamos peixes, selecionamos e assamos em embrulhos de pacovas (Zotsitsa, 2016, p. 17).

Na perspectiva Rikbaktsa, são muito mais caçadores e coletores do que agricultores, embora a agricultura, e as festas rituais a ela associadas, tenham um

papel central no ritmo e organização da vida social. A economia Rikbaktsa caracteriza-se por atividades diferenciadas ao longo do ano, concentrando-se ora em uma ora em outra tarefa. A unidade de produção e consumo cotidiano é dos habitantes de cada casa. Somente no decorrer dos rituais que acompanham a atividade agrícola (derrubada de roça nova e colheita do milho novo) e em poucas outras ocasiões é que ocorre uma cooperação mais ampliada (Povos Indígenas Brasileiros, 2016).

Figura 08 – Artesanato Rikbaktsa



Fonte: Povos Indígenas no Brasil – Rikbaktsa (2021).

Ao mesmo tempo, incorporaram inúmeras mercadorias e utensílios produzidos pela sociedade envolvente, com a qual mantêm relações comerciais, obtendo renda monetária nos últimos anos principalmente com a produção e comercialização da borracha, da castanha e do artesanato (sua arte plumária é das mais belas entre os grupos tribais brasileiros). Da produção agrícola e extrativa voltada para o mercado, realizada sob o comando dos jesuítas nas duas primeiras décadas de contato, passaram à auto-organização da produção e comercialização da borracha na década de 80, através de uma cooperativa interna, organizada em consonância com sua forma de vida social (Povos Indígenas no Brasil – Rikbaktsa, 2021).

O povo Rikbaktsa continua a preservar a natureza, evitando a venda de madeira e a extração de minério. Para eles, o meio ambiente é de suma importância, pois é dele que obtêm o sustento através da caça, pesca e materiais para a produção de artesanato, tanto para homens quanto para mulheres. Fazem roças de coivara, com várias espécies consorciadas de acordo com sua compatibilidade, expressas muitas vezes na linguagem de parentesco. A cada dois ou três anos abrem novas

roças, abandonando a anterior para reconstituição espontânea da floresta. Às vezes, além dos roçados perto da aldeia, possuem outros mais ou menos distantes que, juntamente com as roças abandonadas, constituem reservas alimentares, de onde colhem esporadicamente os tubérculos e bananas que continuam a produzir por vários anos (Zotsitsa, 2016, p. 13; Povos Indígenas Brasileiros, 2016).

Capítulo III

O PAPEL DA MULHER RIKBAK TSA

A pesquisa se torna necessária para compreender como as mudanças afetaram e continuam afetando o desenvolvimento das habilidades e responsabilidades relacionadas a vida das mulheres do povo Rikbaktsa. Mesmo com toda a resistência à mudança cultural, é inevitável que ela ocorra devido ao contato contínuo com a sociedade não indígena. A mulher desempenha um papel crucial no meio social Rikbaktsa. Podemos dividir a vida da mulher em alguns pontos, como o nascimento, casamento, atividades na cultura, profissional e lutas junto ao movimento indígena.

3.1 Ritual do Casamento

Na década de 1970, apesar de considerados incestuosos, realizavam-se casamentos entre membros da mesma metade de parentesco, em parte induzidos pelos jesuítas no seu esforço "civilizatório", devido a muitas mortes após o contato com os não indígenas. Atualmente, a tradição é seguida com rigor com a crença de que uma criança é gerada pelo pai, assemelhando-se sempre a ele e nunca com a mãe. Além disso, parecem acreditar que qualquer outro homem que copular com uma mulher grávida participa da paternidade. Dizem que o filho toma o lugar do pai, dá continuidade a ele. A ligação entre pai e filho (ou filha) ultrapassa o momento da geração, sendo considerada um elo vital (mais do que social) que se estende por toda a vida (Povos Indígenas no Brasil – Rikbaktsa, 2021).

O casamento preferencial é entre primos cruzados e a regra de residência é o noivo ir morar com os pais da noiva. A norma geral é a monogamia, mas a poligamia é permitida e ocasionalmente praticada. A cerimônia de casamento é bastante informal. Depois de estabelecido um acordo entre as famílias dos noivos e entre estes, o líder da aldeia retira a rede do homem de sua própria casa (ou da casa dos homens) e a amarra ao lado da rede da mulher, na casa de seu sogro, onde passa a morar nos primeiros anos de casamento, mudando-se depois de ampliar sua família para junto de seus irmãos casados. O divórcio é comum, principalmente nos primeiros anos de casamento, e é facilmente conseguido por qualquer um dos cônjuges (Povos Indígenas no Brasil – Rikbaktsa, 2021).

No casamento, a mulher também desempenha um papel importante. Este é um momento que pode ser tanto desafiador quanto animado para a comunidade. Antigamente, em algumas ocasiões, o casamento era arranjado pelos pais da noiva. Isso acontecia porque os pais da noiva conheciam o comportamento do rapaz. Dependendo das habilidades do rapaz, como ser um bom caçador, pescador ou trabalhador, e se ele era capaz de construir uma casa ou uma roça sozinho, ou ainda se demonstrava coragem para enfrentar os perigos da mata ou adversários, os pais decidiam se era um bom partido para a filha.

Tradicionalmente, o pai decidia quando a filha iria receber as tatuagens faciais ("riscar o rosto"), o que ocorria na festa grande, na mesma ocasião em que os meninos tinham o lóbulo da orelha perfurado. A partir daí era considerada mulher feita, pronta para casar. Depois da perfuração de nariz a moça já podia receber novo nome, em geral dado depois de riscar o rosto ou logo depois do casamento. Não há a prática de reclusão das moças, a não ser nesse curto período. Não há também cabanas menstruais, nem se percebe regras de isolamento relativas à menstruação.

Hoje em dia, esse ritual de passagem não é mais praticado, assim como a perfuração do lóbulo de orelha dos rapazes e as expedições de guerra, nas quais o caçador formado tinha sua primeira experiência como guerreiro, completando sua formação de homem adulto. A experiência de guerreiro tem sido nos últimos anos a participação ativa dos jovens nas lutas para a recuperação e manutenção de seu território (Povos Indígenas Brasileiros, 2016).

A cerimônia de casamento era conduzida por outro casal, que se apresentava como os padrinhos dos noivos. A madrinha se adornava com colares de sementes, ornamentos de plumagem e pintura facial, ficando muito bonita. A noiva também se enfeitava com colares matrimoniais feitos de conchas d'água (tutãã) e usava pulseiras feitas de rabo de tatu. Ela se pintava e se embelezava. A preparação da noiva era realizada pelas outras mulheres da aldeia, que se reuniam e contribuíam para a grande celebração e formação de um novo casal. Essa era uma ocasião de grande alegria na aldeia, pois representava o crescimento da família e da comunidade.

O rapaz que iria se casar não ficava junto da menina; ele permanecia em uma casa chamada Mykyry (Rodeio). Quando chegava o momento de se unir à mulher, uma pessoa ia buscar a rede do rapaz e a levava até a casa da menina, onde amarrava a rede do rapaz ao lado da rede da menina.

Quando a rede estava amarrada, a pessoa responsável ou a madrinha explicava como seria a vida de união entre as duas pessoas. Essas orientações podiam ser faladas em voz alta ou em voz baixa, mas sempre com muita seriedade. Geralmente, ensinavam que o casal não deveria brigar dentro de casa; a mulher deveria preparar comida e garantir que o marido não passasse fome, ou seja, sempre manter alimentos prontos, como beiju, chicha, mingau (quando disponível) e outros alimentos tradicionais que a mulher preparava; as mulheres também aconselhavam a esposa a acompanhar sempre o marido em suas atividades de caça, pesca ou qualquer outra tarefa diária necessária para a sobrevivência.

A cerimônia de casamento era assistida por toda a comunidade, e todos se sentiam responsáveis por aquele casal, especialmente a madrinha. Se houvesse algum problema, como brigas frequentes, a madrinha tinha o direito de intervir e chamar a atenção. No entanto, esses desentendimentos eram muito raros. Mesmo nos casamentos arranjados, com o tempo, o casal se acostumava a viver junto e se adaptava à vida em conjunto.

Quando o relacionamento entre marido e mulher se tornava insustentável devido ao comportamento de um dos parceiros, muitas vezes aconselhava-se a separação como a melhor solução para uma vida mais tranquila. Raramente ocorriam casos de espancamento. Em situações de problemas graves, a madrinha que presidiu o casamento tinha um papel importante, juntamente com a família, para resolver a situação. No entanto, a grande maioria dos casais permanecia unida, criava filhos e expandia a família ao longo do tempo.

A presença do papel da mulher na vida social da comunidade Rikbaktsa é constante, abrangendo todas as fases da vida, desde o nascimento até a vida adulta. Em trabalhos individuais e coletivos, bem como nos cuidados com a família, as mulheres desempenham um papel crucial. É essencial destacar que a mulher Rikbaktsa não pode ser separada dos homens, pois ambos se complementam em todas as atividades da comunidade. Assim, é importante reconhecer que elas não atuam de forma isolada, mas sim em colaboração com os homens (Zotsitsa, 2016).

3.2. A vida social da mulher Rikbaktsa: Ser Mãe

Antigamente, todos os cuidados com a mulher durante a gravidez eram acompanhados de perto por sua família. Na hora do parto, quando uma mulher grávida entrava em trabalho de parto, sempre havia três ou quatro mulheres para auxiliar no processo.

Figura 09 – A mulher Rikbaktsa grávida



Fonte: Carolina Feira (2023).

Geralmente, quem ficava sabendo primeiro que a mulher ia dar à luz era sempre a mãe ou avó que sabiam. Iam até a mata para buscar remédios naturais (ervas nativas) como precaução para possíveis complicações no parto, como hemorragia, dores intensas, ou para facilitar o nascimento do bebê sem riscos à vida dele, entre outras questões. As mulheres costumavam dar à luz fora de casa, longe da visão de crianças e adultos que não fossem da família. Somente as mulheres que acompanhavam o trabalho de parto estavam presentes durante esse momento.

Quando o bebê nascia, a mulher que realizava o parto pegava o bebê, limpava-o e tomava todos os cuidados necessários na hora de cortar o cordão umbilical, deixando-o com aproximadamente quatro centímetros de comprimento. Era necessário ter todo um cuidado especial para evitar infecções. O cordão umbilical era tratado com ervas da mata e caramujos queimados.

O caramujo era queimado e depois passado sobre o umbigo do bebê para evitar infecções. O cordão umbilical era amarrado com corda de tucum ou algodão. As parteiras realizavam seu trabalho com o máximo de cuidado para garantir a segurança tanto do bebê quanto da mãe.

O cordão umbilical era cortado com uma taquara usada para fazer flechas ou com um bambu utilizado para fazer flautas (bekze). Eles rachavam a flauta ou a flecha para realizar o corte do umbigo. Após o procedimento, as outras mulheres colocavam um colar de sementes de navalha e enfeitavam com fibras das folhas do buriti. Essas fibras eram amarradas na perna, no joelho e nos braços da criança. Quando o umbigo caía, a mãe o pegava e o lançava em água corrente para garantir que a criança não adoecesse e tivesse sempre uma vida boa e saudável. Após o nascimento, as mulheres davam banho na criança com raiz de buriti para fortalecê-la e mantê-la saudável. Se o bebê fosse menino, furavam sua orelhinha para colocar um brinco e deixá-lo bonito.

A responsabilidade pelas crianças continua sendo da mãe. Quando a criança adoece, os pais coletam remédios naturais da mata e dão banho na criança. Após o banho, a mãe recolhe a água e os remédios usados no banho e os despeja no ninho das saúvas, para afastar a doença da criança e evitar que ela adoça facilmente. A erva utilizada para passar no umbigo é chamada pelos Rikbaktsa de Wipipik e pelos não índios de "escorrega macaco". O caramujo utilizado é de água doce. Quando a criança é recém-nascida, o pai e a mãe são responsáveis por cuidar do bebê durante o dia e a noite, e continuam cuidando e acompanhando seu crescimento.

Figura 10 – A mulher Rikbaktsa cuidando da filha e cozinhando



Fonte:Paulo henrique (2023)

Antigamente, não havia lampião. À noite, a luz vinha das castanhas do Brasil, que iluminavam a noite inteira. Os pais não dormiam durante a noite, cuidando do recém-nascido.

Seguindo as regras estabelecidas pelo casal, ou seja, pelo pai e pela mãe, tudo visa à saúde do bebê Rikbaktsa. Quando o pai sai para caçar e mata um animal grande ou qualquer animal, como uma anta ou um porco do mato, ele não pode carregar nem esquartejar o animal. Além disso, o pai não pode carregar um xiri de castanha nem derramar as castanhas no chão, pois isso pode fazer a criança adoecer e até mesmo levar à morte. O pai também não deve comer em excesso, pois isso pode causar indigestão na criança. Nem o pai nem a mãe devem comer a cabeça de peixes, pássaros ou outros animais.

Quando a criança tem um ou dois meses de idade, a mãe precisa espremer a fruta de tamarindo ainda verde (uma árvore da Amazônia brasileira, conhecida pelos não-índios como tamarindo e pelos Rikbaktsa como myrikpedata) dentro da boca da criança para evitar que ela desenvolva sapinho. Com todos os cuidados que o pai e a mãe têm, a criança cresce saudável, feliz e torna-se um jovem guerreiro do povo.

Figura 11 – A mulher Rikbaktsa na roça



Fonte:desconhecida (2023)

A mulher está sempre envolvida, em todas as atividades da família, participando ativamente de quase tudo. Quanto ao nome do bebê, é dado por outras pessoas somente quando o umbigo cai e é aceito pelos pais. Por volta dos oito a dez anos de idade, há outra troca de nome. Por fim, na fase adulta, o nome é trocado novamente durante uma festa, e este se torna o nome definitivo para o resto da vida.

Esse ritual sobre o nascimento dos bebês perdura até os dias atuais, sendo que a mulher desempenha um papel fundamental em todas as fases da vida da criança e da família. A mulher não se limita apenas a servir o marido e cuidar dos filhos; ela também possui um papel crucial na sociedade Rikbaktsa e detém o poder de tomar decisões quando necessário.

Temos observado que o papel da mulher é de suma importância no contexto social Rikbaktsa, desde o seu nascimento até a adolescência, e posteriormente, na fase adulta, quando está pronta para enfrentar os desafios da vida. A criança Rikbaktsa é criada com muito carinho junto à sua família. Desde tenra idade, a criança está sempre próxima dos pais, que são seus principais protetores. Nesse ambiente familiar, a criança aprende muitas coisas importantes, incluindo os perigos da mata, bem como as responsabilidades domésticas.

Figura 12 – Adolescente e criança na reunião



Fonte: Edinele marik (2023)

Quando um adolescente passa para a fase adulta, já possui conhecimentos, transmitidos pelos pais e por outras pessoas que acompanham seu crescimento de perto. Os pais geralmente permitem que o jovem saia apenas com pessoas de sua confiança, para evitar situações desagradáveis na família e para garantir que ele adquira habilidades e valores úteis para sua vida adulta. Dessa forma, o jovem recebe todo cuidado necessário durante essa transição. Até alcançar a fase adulta, aprende

a fazer flechas, a caçar, a produzir artesanato e outras atividades que serão essenciais para sua vida na comunidade e para contribuir com o sustento de sua família.

3.3 o papel da mulher no movimento indígena

A mulher Rikbaktsa é muito guerreira e sempre acompanhou as lideranças e esposos no movimento indígena, lutando pelos direitos ao território, saúde, educação. Também como forma de participar da luta as mulheres Rikbaktsa estão organizadas em uma associação que tem o nome de AIMURIK.

Participamos dos encontros de troca de sementes, preocupadas em manter a roça no nosso território, e ter alimentação saudável, e, participamos dos encontros junto com o Juruena Vivo. Atualmente, estamos construindo a nossa própria história pós contato com lutas intensas de proteção aos nossos territórios, por exemplo UHE Castanheira que comento no meu trabalho de Conclusão de Curso, a preocupação com o desaparecimento dos caramujos do rio Juruena, esses caramujos são fundamentais para a confecção do colar de casamento. A notícias são que o governo federal e estadual vai colocar um ponto final no licenciamento ambiental e arquivar o processo de licenciamento ambiental da UHE Castanheira, uma conquista da luta dos povos afetados entre esses povos, nós os Rikbaktsa, com a presença da mulher Rikbaktsa, como mostra a imagem.



Fonte: <https://redejuruenavivo.org.br/>

3.4. O papel da mulher na educação escolarizada

As mulheres também estão na educação escolar indígena, hoje somos 04 professoras. Na parte pedagógica, não havia uma forma de escrita como temos hoje em dia. No entanto, as mulheres sempre estiveram e continuam presentes na construção de uma educação cultural específica, respeitando as regras e os costumes que são ordenados e compreendidos coletivamente. Isso inclui as normas de organização social de um povo específico, a leitura dos sinais do tempo, os perigos da floresta, os cuidados com os artesanatos e o entendimento do calendário natural, que são aprendidos e compreendidos em conjunto com a família.

Como professoras, junto com os demais professores procuramos manter forte a educação escolar indígena com saberes de mulheres e homens Rikbaktsa.

Na Aldeia Barranco Vermelho, encontra-se a sede da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Myhyinymykyta Skiripi, desempenhando um papel fundamental à formação dos alunos e alunas ao integrar conhecimentos tradicionais com a compreensão da legislação vigente. A Escola Estadual Indígena de Educação Básica Myhyinymykyta Skiripi possui 921 alunos matriculados, com 50 professores distribuídos em salas anexas em 9 aldeias. Oferece ensino do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio, todos ministrados por professores provenientes das comunidades locais.

Figura 13 – Escola Estadual Indígena de Educação Básica Myhyinymykyta Skiripi, Aldeia Indígena Barro Vermelho, MT **(A e B)**



Todos os professores atendem à legislação vigente com suas formações. Eles obtiveram sua formação nas áreas específicas necessárias para cumprir as diretrizes da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC). As formações foram realizadas na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Barra

do Bugres. Esse foi um passo muito importante para a nossa comunidade em direção à autonomia de nossa escola. No entanto, embora essas formações sejam essenciais, muitas vezes nos vemos obrigados a seguir um regimento bastante complexo, devido às suas exigências de tempo, calendários e outras regras institucionais, que em muitos casos acabam por interferir nas tradições e costumes locais.

Figura 14 – Alunos indígenas em cerimônia comemorativa na Escola



Fonte: Projeto Resgate Histórico das Escolas Estaduais, MT

As professoras e professores sempre priorizam os conhecimentos tradicionais, como festas culturais, danças, mitos e a língua materna, que são parte de nossa identidade. Além disso, enfatizam as regras de convivência na comunidade, respeitando a organização social interna, onde as decisões sobre o futuro da comunidade são tomadas coletivamente. Essas decisões são discutidas em reuniões que contam com representantes de várias aldeias. Todos os líderes têm voz e a oportunidade de expressar suas opiniões sobre os assuntos em questão durante os debates.

As mulheres sempre opinam porque tem o direito de contribuir para o crescimento do debate até chegarem a um consenso durante as discussões. Na escola, há atividades que são exclusivamente realizadas pelas mulheres, e esses momentos são dedicados a elas. Não se trata de uma exclusividade dos homens ensinarem, pois as mulheres sempre estão presentes para garantir que tudo ocorra de acordo com as regras tradicionais. O papel das mulheres na educação escolarizada é muito importante porque somos nós que passamos o maior tempo com

as crianças e como todos do povo temos o compromisso e a responsabilidade de fazer uma educação intercultural e específica para o nosso povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos o fechamento do trabalho trazendo pontos importantes sobre meu povo. Antigamente, usávamos somente a canoa de casca da madeira cajueiro, servia para a travessia de rios, transporte, caça e pesca. Após o contato com os não-índios (seringueiros) que trabalhavam na extração da borracha nativa, ao avistarem os Rikbaktsa atravessando o rio de canoa, resolveram chamar-lhes de *povo canoeiro*.

Antes do contato com o missionário Jesuíta Padre João Evangelista Donstauder, na década de 1940, nós Rikbaktsa, éramos aproximadamente 5.000 pessoas. Percorríamos as longas distâncias pelos rios: Aripuanã, Arinos, Sangue, Juruena e Papagaio e também caminhávamos a pé pelas trilhas até a altura das cabeceiras dos córregos.

Na década de 1950, começou o conflito com os seringueiros que habitavam as margens dos rios, vindo com eles a gripe, catapora, sarampo, tuberculose e malária causando epidemias violentas, dizimando o nosso povo para 200 pessoas. Nessa época, algumas crianças Rikbaktsa perderam os pais e foram levadas para o internato de Utiariti onde foram obrigados a conviver entre várias etnias e seguir a cultura dos brancos.

Atualmente, nós, Rikbaktsa, vivemos em três áreas indígenas demarcadas e homologadas ao longo do rio Juruena, afluente do rio Tapajós, ao Noroeste do Estado de Mato Grosso. Desde o início do processo de pacificação, o padre determinou a não violência e proibiu o uso de armas de fogo.

Todas essas histórias quando contadas muito pouco ou quase nada evidencia a existência das mulheres, mas sempre estivemos presentes. E mesmo como antes, hoje também o trabalho da mulher na cultura tradicional envolve cuidar da família, realizar tarefas na preparação dos alimentos e acompanhar seu companheiro nas atividades relacionadas ao preparo do solo para o plantio.

Nós também fortalecemos em coragem para enfrentar os desafios da vida e garantir o sustento durante a vida da família, como tem sido ao longo dos anos. Além disso, temos a responsabilidade de educar as crianças, ensinando-lhes a importância do respeito pelos companheiros e parentes, além de transmitir os termos apropriados para se referir aos membros da família, como "tio", "sobrinho", "vó" e outros parentes.

Toda a tradição cultural, como as festas tradicionais, as regras dessas festas, os cuidados com o meio ambiente, o respeito à família, as crenças em que

acreditamos, as pinturas corporais, as divisões dos clãs e seus relacionamentos, além das leituras do tempo e suas mudanças precisa ser repassado para as crianças e para os jovens para que se mantenha a cultura e esse repasse precisa da mulher.

Entender as regras de um cerimonial cultural e até onde a mulher tem obrigação e dever de participar é fundamental. Podemos destacar algumas das atividades que as mulheres realizam em cada cerimonial: elas podem organizar outras mulheres durante a realização de uma festa tradicional, além de cuidar de seus adereços ornamentais, como penas e sementes. Isso inclui fazer artesanato com plumas e confeccionar colares de sementes.

Geralmente, em todos os rituais, as mulheres desempenham um papel importante na realização das atividades culturais, pois são elas que organizam o trabalho das mulheres na preparação dos alimentos para uma ação coletiva e individual específica.

A idade das mulheres para realizar determinadas atividades pode variar e não há uma regra fixa. Geralmente, as meninas acompanham suas mães desde cedo, aprendendo o que devem fazer ou não. A participação das adolescentes é gradualmente introduzida no seio familiar. À medida que as meninas adquirem conhecimento, começam a realizar atividades por conta própria, como preparar comida, fazer pinturas corporais, tecer algodão e criar determinados artesanatos. Com o aprendizado, elas são frequentemente convidadas a participar de ações na comunidade em que residem ou em outras comunidades. A participação das mulheres é essencial em todas as atividades, e sua ausência pode dificultar a realização dos festejos / eventos.

Não existe uma punição de castigo severo para quem deixa de realizar determinadas ações. No entanto, sempre que ocorre alguma irregularidade, é chamada a atenção para evitar a repetição do erro. Essa advertência serve como forma de correção, mas nunca afeta permanentemente a vida da pessoa. Em casos mais graves, pode-se aplicar um castigo, dependendo da gravidade da situação. Outra possível consequência seria a própria força da natureza punir a pessoa, resultando no chamado "mau agouro", que pode afetar tanto homens quanto mulheres. É por isso que desde a infância é ensinado o que se deve ou não fazer.

Estamos em muitos lugares desempenhando papéis sociais e culturais, estamos na saúde, na educação escolarizada, nos movimentos de luta do meu povo. Temos um sistema de educação escolar específico, buscando cada vez mais a estruturação de uma escola própria. Esse movimento reforça a autonomia da organização das escolas indígenas, levando em conta a especificidade cultural do povo, sempre com a participação ativa da mulher Rikbaktsa.

Mas, as coisas não são fáceis, porque sempre estamos na luta da ampliação da participação da mulher, e o contato com o mundo informatizado, tornou-se desafiador encontrar, compreender e acompanhar o desenvolvimento atual, tentando manter o conhecimento cultural do povo. As mulheres Rikbaktsa têm buscado conciliar o mundo moderno com sua cultura ancestral por meio da integração social; as mudanças ocorrem dentro da comunidade, e nem sempre são facilmente aceitas, mas é preciso ressignificar nossas ações sem deixar de ser quem somos.

Temos observado uma mudança significativa no papel da mulher, do passado para o presente. O distanciamento em relação à cultura e à educação tradicionais, bem como as atividades comuns dentro da comunidade Rikbaktsa, está se tornando mais evidente.

Quanto às questões culturais, percebo que há poucas iniciativas, o que nos preocupa muito, pois, a cada ano, os anciãos tradicionais vão levando consigo uma parte importante de nossa história e conhecimento, razão pela qual é crucial registrar uma quantidade significativa de conhecimento do trabalho deles antes que seja tarde demais. Porém, todas as formas de organização étnica não devem ser esquecidas com a integração na sociedade não indígena. Os costumes, bem como a língua materna, que é um meio de comunicação específico de um povo, jamais devem ser perdidos devido a influências externas desconhecidas e muito complexas.

Todas as formas de organização étnica não devem ser esquecidas, mesmo com a integração com a sociedade não indígena. Os costumes e a língua materna, que são meios de comunicação específicos de um povo, jamais devem ser perdidos por influência externa, por mais desconhecida e complexa que seja essa influência porque a manutenção desses aspectos marca a força de resistência de um povo que, ao longo de quinhentos e vinte e três anos, ainda mantém viva sua cultura.

A permanência representa a força de resistência do nosso povo, que há quinhentos e vinte e três anos vem lutando para preservar nossa cultura. Ao longo desses séculos, enfrentamos diversas formas de violência, desde a violência física

até a violência cultural, que resultou na perda de nossa língua e de grande parte de nossa forma de viver.

Este foi um trabalho importante para o nosso povo, mas com muitas dificuldades para finalizá-lo: as vias de acesso das aldeias, os meios de transporte disponíveis, o tempo das pessoas para registrar as informações com o conhecimento desejado e as barreiras de comunicação linguística. Porém, o importante é que o estudo foi realizado e compreendemos que as Mulheres não ocupam posições culturais e sociais melhor ou pior que os homens, mas ocupamos um lugar que é nosso de direito e contribuimos desde sempre com a organização, a cultura e os avanços em direitos do povo Rikbaktsa.

REFERÊNCIAS

AIKDAPA, Gesilene. **Casamento tradicional do povo riktbaktsa**. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT, Barra do Bugres, Mato Grosso, 2016.

ALMEIDA, Juliana, ATHAYDE Simone, CASTORINOC Adriano, SELUCHINESKD Rosane e SILVEIRA, Ruth Albernaz. **Territorialidade e reexistência indígena na fronteira amazônica**: o povo Rikbaktsa e a Terra Indígena Escondido, Mato Grosso. *ustentabilidade em Debate* - Brasília, v. 7, n. 2, p. 73-89, mai/ago 2016

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. **Os riktbaktsa**: mudanças e tradição. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas) PUCSP, 1992. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/3870>. Acesso em: 14 jan. 2024.

BRASIL. Constituição Federal. 1988. 21. ed. Brasília: Câmara dos deputados.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, 9.394. 1996.

DORNSTAUDER, João Evangelista. **Como pacifiquei os riktbaktsa**. Instituto Anchietano de Pesquisas: São Leopoldo, 1975.

PACINI, Aloir. **Pacificar**: relações interétnicas e territorialização dos Rikbaktsa. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

PIRES, Paula Wolthers de Lorena. **Rikbaktsa**: um estudo de parentesco e organização social (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RICBACTAS. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricbactas>. Acesso em: 14 jan. 2024.

POVOS Indígenas Brasileiros. **Rikbaktsa**. Enciclopédia on-line. Jan. 2016. Disponível em: <https://indigenasbrasileiros.blogspot.com/2016/01/rikbaktsa.html> Acesso em: 04 dez. 2023.

POVOS Indígenas no Brasil. **Rikbaktsa**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Rikbakts>. Acesso em: 04 dez. 2023.

PROJETO de Cooperação Técnica Internacional entre o Museu do Índio da FUNAI e a UNESCO. **Documentação de Culturas e Línguas Indígenas Brasileiras**. Disponível em: http://prodoclin.museudoindio.gov.br/images/arquivos/proj_unesco_linguas_culturas_ind_res.pdf Acesso em: 04 dez. 2023.

PROJETO Resgate do Histórico das Escolas Estaduais Antonio Francisco de Lisboa, CEJA Alternativo, Myhyinymkyta Skiripi. Disponível em: <https://profuncionariojuinamt.blogspot.com/2016/09/escola-estadual-myhyinymkyta-skiripi.html> Acesso em: 14 jan. 2024

MUSEU do Índio (FUNAI). Informativo, ano 23, n. 38, maio/dez.2011. Disponível em: https://www.gov.br/museudoindio/pt-br/centrais-de-conteudo/copy_of_museu-ao-vivo/38.pdf Acesso em: 10 jan. 2024.

ZOTSITSA, Idinei. **Myhãrã**: capacete tradicional do povo. 2016. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia Intercultural. UNEMAT, Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour, UNEMAT, Barra do Bugres, MT, 2016.

RIKBAKTSA. Disponível em: <http://prodoclin.museudoindio.gov.br/index.php/etnias/rikbaktsa/povo> Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, Larissa Silva (Rede Juruena Vivo) e FRANZERES, Andreia (OPAN) Mais duas vitórias na bacia do Juruena: Governo Federal promete desistir de vvez da UHE Castanheira. Disponível em: <https://redejuruenavivo.org.br/mais-duas-vitorias-na-bacia-do-juruena-governo-federal-promete-desistir-de-vez-da-uhe-castanheir>

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS DE BARRA DO BUGRES
FACULDADE INDÍGENA - FAIND
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
INTERCULTURAL INDÍGENA**

GESILENE AIKDAPA



CARTOGRAFIA CULTURAL DAS MULHERES RIKBAKTSA

Barra do Bugres
2024

GESILENE AIKDAPA

CARTOGRAFIA CULTURAL DAS MULHERES RIKBAK TSA

Produto Pedagógico apresentado como parte integrante do curso de Mestrado em Educação Intercultural Indígena da UNEMAT/MT.

Orientadora: Profa. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira.

Barra do Bugres, 2024.

GESILENE AIKDAPA NAMBIQUARA

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

Memória de minha formação.....	05
Minha primeira festa cultural.....	08
Experiência no Ensino Médio.....	09
Cartografando experiência em sala de aula.....	09
Minha primeira vez em sala de aula.....	10
A faculdade.....	11
Minha ida para o mestrado.....	12

SEGUNDA PARTE

Produto pedagógico: cartografia cultural das mulheres Rikbaktsa.....	14
Nascimento da criança.....	14
A escolha do nome par criança.....	16
O casamento Rikbaktsa.....	22
Considerações	
 finais.....	27
Referências.....	28

PRIMEIRA PARTE

Memórias de minha formação

Meu nome é Gesilene Aikdapa, sou da etnia Rikbaktsa, moro na aldeia Palmeirinha do Norte na terra indígena Erikpatsa Município de Brasnorte Mato Grosso. Sou filha do professor Paulo Henrique Martinho Skiripi Nambiquara, a minha mãe se chama Genildes Zazaikba Rikbaktatsa, somos dez irmãos, sendo sete mulheres e três homens, sou a filha mais velha da família. Por ser a filha mais velha os meus pais tinham maior cuidado comigo e me dava maior atenção, mas antes de completar um ano de vida a minha mãe engravidou da segunda irmã que se chama Gesiane Naniuta. Por eu ser muito pequena a minha mãe não podia cuidar, mas de mim por que ela estava grávida, e o meu pai foi o responsável de cuidar de mim, ele me levava para todos os lugares com ele. Passei a ficar muito doente sempre vivia doente, até certos anos e meu pai sempre cuidando de mim, pôs a minha mãe também estava sempre junto, mas com muita dificuldade e nunca nos abandonou.

Assim, a minha família também ajudava no que fosse possível, o meu pai foi mãe e pai para mim ao mesmo tempo, por que eu ficava muito mais com ele do que com a minha mãe, pois ela cuidava da minha irmã ainda bebe, mas graças a deus, cresci e consegui recuperar a saúde, diante de várias doenças que peguei.

Antes a minha família morava na aldeia Barranco Vermelho por ter um problema familiar na família da minha avó, tivemos que abrir outra aldeia a onde a família toda teve que ir morar nessa nova aldeia que se chama Boa Esperança, nesta aldeia passou a morar somente família. Todas as noites o meu vô Roque, Mãe Kata e minha vó Noêmia por parte da mãe, sempre contava história do nosso povo Rikbaktsa e fala dos clãs que o nosso povo tem as suas regras. Aas histórias, mas contadas para nós, era sobre o mito do nosso povo aonde todos que ficavam em sua volta se encantava com tudo que nós ouvíamos e admirávamos. Tinha história triste e alegres e de terror também. Me lembro das histórias com o nome de homem que perdeu a cabeça no mato, quando saíram para guerrear, história da anta, da sucuri, a guerra dos Rikbaktsa com Cinta Larga, Dudubai, macaco preguiça e outros tipos de histórias.

Nós também sempre ouvíamos a história da infância do meu vô e minha vó que sempre falava da época que passou no internado de Utariti e como eles eram tratados pelos padres e irmãos daquela missão, os indígenas que chegavam no internato do Utariti, ficavam nesse lugar com vários outros povos do estado.

Contudo, a história que ouvia dos meus pais, e do meu dos meus avós, me levava a ter várias imaginação e medo também.

A minha infância toda passei nesta Aldeia Boa Esperança com meus primos e irmãs, nós brincávamos o dia todo andava de um lado para outro, tomava banho no córrego, eu andava bastante com meus avós. Sempre eles me levavam na roça e no mato para pegar frutas, lembro que eles me levam bem longe no meio da mata. Na volta para casa, parecia tão distante que a aldeia parecia não chegar. Passava córrego e nunca que chegava em casa, os meus pais sempre preocupados comigo e com minhas irmãs, pois, a tarde se aproximava até que chegávamos em casa e era a maior alegria. Meu pai também ensinava e explicava como que as meninas tinham que se comportar no meio das pessoas principalmente a questão de tratamento com as pessoas.

Aos setes anos de idade passei a estudar, meu primeiro dia de aula foi muito difícil, por não estar acostumada com o novo sistema de educação, principalmente entre quatro paredes e ficar quatro horas sentado no mesmo lugar e manter o silêncio para escutar as explicações do meu professor Tarcísio Butamy, eu me sentia desconfortável e não somente eu como os outros alunos também. Quando eu estava na sala de aula, parecia que a hora não passava e torcia para que as aulas terminassem logo. Às vezes eu chorava na sala por passar muito tempo sentada na escola. Eu não conhecia as letras do alfabeto português e tinha muita dificuldade de conhecer e reconhecer as letras do alfabeto.

Com essa dificuldade que eu tinha, mesmo assim, sempre acordava cedo para ir na escola juntamente com meus irmãos e primos, nós andávamos em torno de 800 metros todos os dias de manhã até a Escola Municipal Santo Inácio, muitas vezes eu chorava pois não queria ir para escola estudar, e meu pai dava broncas em mim dizendo que eu teria que ir para escola, que eu precisava aprender a ler e a escrever.

Assim, eu saía de casa para escola, pois eu sabia que encontraria as outras crianças de outras aldeias, quando encontrava as crianças de outras aldeias, ficava sempre junto com eles para poder brincar. O meu professor Tarcísio ele era muito calmo tinha muita paciência conosco alunos na sala, ele dava aula de matemática, português, ciências sociais e geografia. Ao passar dos anos, comecei a conhecer as vogais e as sílabas e a formar palavras, como por exemplo, nomes de animais, pássaros, peixes e formar pequenas frases, e assim, aprendi a escrever meu próprio

nome, aonde o meu pai ficou super alegre e me deu de presente uma bicicleta na cor rosa para ir à escola e não ia mais a pé até a escola.

Eu fiquei feliz, e ainda assim, eu poderia ir mais rápido para escola e andar para qualquer lugar com essa bicicleta, eu passava o dia todo brincando com essa bicicleta a minha mãe ficava brava por que eu não queria mais saber de ajudar ela com os afazeres de casa e muito menos a fazer tarefas que meu professor passava para fazer em casa deixava tudo para fazer em cima da hora mas sempre fazia certinho com ajuda do meu pai que sempre estava comigo.

Do 6º ao 8º ano do ensino fundamental tive dois professores um que se chama professor Aristóteles Manyumutsa e o professor Paulo Enrique Skiripi, nessas séries eu já sabia escrever e a ler mas tinha muita dificuldades em produzir texto grandes e tinha muita vergonha de apresentar o meu trabalho na frente para outros alunos. Meu professor de português que era meu pai, tinha uma boa explicação e clareza quando dava aula para nós, ele sempre falava que nós alunos tinha que aprender a explicar melhor e fazer um texto bem feito e a perder a vergonha.

Ele falava bastante da faculdade que ele cursava e também de suas experiências dentro da sala, sempre motivando nos alunos quando fosse maior de idade ser alguém que pudesse defender o seu povo. Que um dia alguém fosse entrar em uma faculdade deveria estudar e aprender muita de coisa de fora, mais que não deveríamos deixar a cultura de lado e ter uma boa profissão.

Já o meu professor Aristóteles ele nos ensinava, mas as práticas culturais a valorização da cultura e também dava aula na língua materna e matemática. Por eu não falar a minha língua materna, tinha muita dificuldade de escrever até por que eu não tinha sido alfabetizada na língua materna ainda, passei ser depois que o professor Aristóteles veio trabalhar com nos na aldeia Barranco Vermelho e passou a nos ensinar, sempre gostei de todas as disciplinas, mas o que eu mais gostava era na aula de educação física, arte, história, geografia ciências humanas essa eram minhas aulas preferidas, o que eu menos gostava das disciplinas era a matemática talvez por não ter dado tanta importância em aprender isso me prejudicou muito mas sempre foi interessada em aprender e melhorar cada vez mas sempre estudava na parte da manhã.

Na parte da tarde eu ajudava a minha mãe a cuidar dos meus irmãos pois eles eram todos pequenos eu era a maior e mais velha de todos. Ao passar dos anos tivemos que abrir uma nova aldeia, esta mais próxima da minha escola pois o

meu pai era professor, assim era mais fácil para ele trabalhar, meu pai construiu uma casa a onde morava somente nós, os filhos e filhas e mais ninguém.

A minha mãe não queria mudar de uma aldeia para um novo lugar, pois ela sabia que sempre ela iria ficar sozinha com os filhos, por que meu pai sempre saia para estudar na UNEMAT de Barra do Bugres para que nós pudéssemos ter uma vida financeira melhor, ele também sempre saia para as reuniões pelo Brasil afora juntamente com os caciques e lideranças de outras aldeias Rikbaktsa para defender as causas indígena do nosso povo.

Por ser a filha, mais velha, sempre fiquei com minha mãe e meus irmãos em casa e ajudava em tudo que era preciso, lavar louça no córrego, buscava água no córrego para fazer comida. Quem estava sempre comigo era minha irmã Gesiane, era muito difícil de nos separar uma da outra. Quase toda tarde eu ia visitar os meus avos na aldeia Boa Esperança pois sentia muita falta deles e dos meus primos Ederlene, Edenilson, meu tio Gilsimar mãikata, vanilsa, Adagilsa estes são os que mais ficávamos juntos. Com os passar dos dias, fui me acostumando a morar nesta nova aldeia só tinha medo a noite quando lembrava das histórias de assombração que meus avos contavam. Mas com o passar do tempo fui me acostumando e entendendo que as coisas nem tudo eu poderia ter medo o meu pai sempre conversava bastante comigo sobre isso.

Minha primeira festa cultural

As festas culturais que eu participei foi a festa do cacique Darci e da minha vó Monica Neydy por parte do pai. Eu morava um pouco longe e via minha vó poucas vezes e sempre ela me recebia muito bem na casa dela. A festa da seca era feita na aldeia Barranco Vermelho a onde todas as tardes tinha dança do toque de flautas e cantos nas línguas maternas e muitas chichas, esta era minha primeira festa cultural que eu participava aonde veio várias pessoas de outras aldeias que eu nem conhecia. Nesta festa, tinha muitas pessoas novas, anciões, crianças a acompanhados dos seus pais vieram pessoas de todos os lugares somente para participar das festas tradicionais, era muito animados todos com suas pinturas corporais de acordo com seu clã sempre quem me pintava era as minha vós Mônica Neidik e Noemia Oditsouk me enfeitava com vários colares de semente aonde ela pediu para mim dançar no braço do meu tio Dauri por ele ser de outro clã eu teria que dançar no braço dele e pedi alguma coisa em troca como: peixes ou matar

alguns animas gordo para mim, no final da festa tinha várias tipos de danças e furação de nariz e ranha perna para tirar sangue ruim para que es crianças e jovens cresçam forte e saudável, e o meu pai me levou eu e minha irmãs para arranhar nossas pernas e eu chorava muito de medo mesmo assim tivemos que arranhar para que nós crescermos saudável, em quanto isso eu vi de longe furação de nariz com espinho do tucumãe o senhor bem de idade fazendo tudo o processo de furação.

A experiência no Ensino médio

Quando comecei a estudar no Ensino Médio, eu já sabia ler e escrever muito bem, mas ainda tinha dificuldade na matemática e tinha dificuldade de falar na frente para apresentar trabalhos. No ensino médio eu tive vários professores, por ser o ensino que exigem, mas disciplinas e conteúdos mais profundos. Entre os professores que tive estão: Arruda Nonato, Rosinete, Isidoro, Aristóteles e Paulinho. Cada professor trabalhava com a sua disciplina diferente e era muito boa as aulas dos professores aonde tinha alunos de outras aldeias e assim, aprendi muitas coisas diferente e isso me motivava bastante em aprende cada vez mais.

Cartografando a experiência em sala de aula

Meu primeiro contato com a sala de aula como professora, foi quando meu pai começou trabalhar no estado e município, por ele estar muito ocupado de trabalho, foi quando ele pediu para que eu o ajudasse em sala de aula com seus alunos, foi aí que comecei a ir com ele na sala de aula quase todas as vezes só para ajudar ele. Assim eu o ajudava ensinar os alunos a escrever e a ler. Ajudava as crianças de como segurar um lápis correto, ajudava a desenhar. Como, nós ainda não tínhamos prédio escolar ou melhor sala de aula, sempre nos ficava com os alunos de baixo do pé de manga ou de uma casa que ficava meio abandonado e algumas das vezes servia como dormitório.

E meu pai sempre me incentivando a ser como ele professor que ajuda as pessoas e que as escolas precisavam de mais professores. Mas a minha maior vontade mesmo, era ser enfermeira achava muito bonito as pessoas se vestir de branco e cuidar da saúde das outras pessoas, mesmo sem termina o primeiro ano do ensino médio quase sempre que podia eu estava ajudando ele na sala de aula, mas eu tinha muitas preguiças de ir na escola pois odiava acordar de manhã.

Nessa quadra da minha vida, eu engravidei do meu primeiro filho aonde a minha família ficou muito surpreso com esta notícia eles não esperavam isso de mim eu tinha apenas quinze anos e eu nem sabia como conta isso para meus pais eu ficava muito triste comigo mesmo por não ter ouvido o que meu pai me falava, mas acabei me casando com o pai do meu filho foi feito a cerimônia de casamento tudo tradicional Rikbaktsa aonde também tinha muita gente de outras aldeias, mesmo sem termina o ensino médio eu não parei de estudar sempre estava em sala de aula mesmo grávida e logo em seguida tive meu primeiro filho homem fiquei três meses afastada por ele ser pequeno e depois voltei a escola de novo para terminar o ensino médio e sempre leva comigo o meu filho dentro da sala de aula. Foi assim até terminar minhas aulas que terminou no ano 2008 aonde tivemos a nossa formação.

Minha primeira vez em sala de aula como professora

Logo após minha formatura surgiu uma vaga para dar aula na escola municipal Santo Inácio EJA Educação de Jovens e Adultos aonde meu nome foi indicada pela comunidade para que eu fosse trabalhar com os alunos. Esses alunos eram meus próprio tios e meus avós, no começo fiquei com receio de aceitar por que eram pessoas que tinham mas idades que eu, por estes motivos me sentia desconfortável de aceitar, meu pai veio conversar comigo falando que eu tinha que aproveitar as oportunidades que a comunidade nos oferece que não e qualquer pessoas que que a comunidade confia.

Por fim, acabei aceitando em trabalhar na sala de aula, foi uma experiência muito boa trabalhar como professora do EJA ainda mais com alunos que tinha seus conhecimento mas avançados nas práticas culturais a onde eu sentia dificuldade na questão da língua materna mas consegui a prende também com eles coisas que nem eu tinha conhecimento, mas em outras disciplina eu conseguia lidar com facilidade, as aulas eram divertidas pois via que, por eles serem adultos, buscar muito interesse de aprender a ler e escrever por que muitos estavam ali para a aprofundar seus conhecimentos e também busca grau de escolarização para poder trabalhar, apesar que nós não tínhamos sala de aula, nós estudávamos debaixo do pé de manga perto da casa da vó Mônica, os lanches eram dos próprios alunos que levavam da casa para nós e sempre minha vó Noêmia levava alguma coisa pra mim

de lanche as vezes era pão, mandioca com carne, cara, peixe frito e outros, eu gostava muito de receber tudo isso.

Trabalhei um (01) ano com alunos do EJA 2009 a 2010 aonde foi bom, no outro ano tinha outras vagas na sala de aula para mim poder trabalhar, eu acabei aceitando ficar com outros alunos do ensino médio regular 1 ano, por que pra mim não tinha mas graça em trabalhar com EJA por motivo de que eu perdi a minha vó Noêmia ela também era minha aluna que sempre estava comigo e os alunos também se sentiu muito com a perda dela no ano 2010 comecei a trabalhar com ensino médio para mim já era tudo diferente pois exigia, mas trabalho, ai comecei a participar dos encontros professores do Noroeste de Mato Grosso das formação dos professores Rikbaktsa e com isso foi tendo novos conhecimento e aprendizados diferente que antes eu não tinha. Nestes encontros também fui conhecendo novos profissionais da educação e fazendo novas amizades e conhecendo a cultura de outros povos e suas dificuldades, nesta época eu já estava com terceiro filho, tudo era mais difícil, mesmo assim, isso não impedia de eu sair para trabalhar e ou participar das reuniões quando fosse convidada.

A faculdade

Em 2011 saiu o edital para fazer a faculdade indígena intercultural na Barra do Bugres MT, aonde foi incentivada pelo meu pai e familiares, que me dizia sobre a faculdade que era muito bom e também que seria muito importante para minha carreira profissional como professora. Assim, eu poderia ajudar a minha comunidade que estava precisando de professores com faculdade. Foi aí aonde me escrevi, e tive uma boa notícia, que tinha passado para estudar na graduação em licenciatura foi uma felicidade muito grande, que nem eu mesma estava acreditando que eu tinha passado para fazer faculdade e ao mesmo tempo pensei nos meus filhos, por eu nunca tinha ficado tanto tempo longe deles, eu já estava com três filho todos pequeno com diferença de um ano e pouco, mas eu sabia que eu estava fazendo uma boa escolha e quando estivesse maior entenderiam porque eu estudava. E foi aí que eu tive que levar meu filho de um ano e meio para cidade de Barra do Bugres junto comigo para estudar.

Fiquei estudando na Barra do Bugres durante cinco anos, que as aulas eram por etapas, sempre na época de férias nós tínhamos aulas na faculdade. Enquanto meus alunos ficavam de férias eu estava estudando para buscar conhecimento

metodologia para ensinar meus alunos em sala de aula quando voltasse para aldeia. Durante esse período de estudo aprendi muitas coisas boas, tive outra visão de estudos e outros pensamentos que antes eu não tinha. Conheci vários professores, foi uma outra realidade que antes nunca tinha vivido, eu tive dificuldade com algumas disciplinas, mas sempre tentei solucionar com o professor Paulinho e o meu marido que sempre me ajudava nas digitações a onde eu tinha maior dificuldade por não ter habilidades com o computador, mas nunca deixei de fazer meus trabalhos, consegui fazer a minha formação no ano de 2015 teve maior festa com todos os professores.

A minha orientadora foi a professora Waldinéia, eu agradeço muito a ela, por ter me ajudado durante o meu estudo. Após minha graduação, continuei trabalhando na escola como professora e logo em seguida passei mal e fiquei muito doente em casa. Ali estava novamente os meus pais para me ajudar agora para me salvar, tiveram que me levar às pressas onde tive que passar por uma cirurgia de emergência, eu sentia muitas dores no abdômen e fui diagnosticada com cisto hemorrágico, mas com ajuda dos médicos e as enfermeiras eu consegui recuperar.

Passando dois ano e meio eu acabei engravidando e tive, mas um filho que é meu caçula ele se chama Noan Victor Bismy. Por decisão minha e do meu marido decidimos que este será último filho e cabei fazendo laqueadura aos vinte cinco anos de idade. Por causa dos meus filhos eu cabei ficando, mas em casa e com os trabalhos da escola, mas eu tinha outras coisas que ajudava na comunidade, fui a segunda secretaria da associação ASIBV durante dois anos e fui eleita, mas dois anos como primeira secretaria desta associação.

A minha ida para mestrado

Quando resolvi fazer a prova para mestrado pela primeira vez não deu certo por que eu não tinha atualizado o meu currículo lattes, por este motivo, não fiz a minha inscrição, mas eu já estava com o projeto de pesquisa pronto e foi quando pedi ajuda para o professor arruda e professor Paulinho e professor Givanildo para fazer a formatação dos textos.

Na segunda vez, eu nem cheguei a tentar por que sabia que meu currículo não estava ainda atualizado por que eu nem lembrava a senha do meu e-mail, mas pedi ajuda para o enfermeiro Joas que trabalhava conosco na saúde indígena para ele recuperar minha senha do e-mail do CNPq. Finalmente ele conseguiu recuperar

a senha, e assim, fizemos a atualização do meu currículo e no final do ano de dois mil e vinte um, fiz minha inscrição com ajuda do diretor da escola Moraes Cezar e apresentei meu projeto de pesquisa e foi a provado e fiz a minha entrevista e eu estava na cidade de Vilhena-RO, fiz dentro do hotel, eu estava muito nervosa e preocupada de como que seria a minha entrevista mas acabou dando tudo certo. Depois de uma semana recebi a notícia que eu tinha sido a provada no mestrado em Barra do Bugres MT, eu fiquei muito feliz com a notícias e por eu ser a primeira mulher Rikbaktsa a estar cursando o mestrado pela unemat assim posso ajudar meus alunos e minha comunidade no que for possível dentro do meu conhecimento.

SEGUNDA PARTE

PRODUTO PEDAGÓGICO: CARTOGRAFIA CULTURAL DAS MULHERES

RIKBAK TSA

Esta pesquisa tenta trazer contribuições para a construção de um produto pedagógico para contribuir com a cultura e valorização do papel da mulher Rikbaktsa, tendo em vista que não temos uma escrita de nosso povo, existe sim produção sobre o nosso povo, mas não feito por nós. Atualmente as coisas vem mudando e as mulheres vem cada vez mais ocupando seus espaços no meio da educação saúde e lideranças, atualmente na educação somos sete mulheres trabalhando em sala de aula, na saúde também somos em sete mulheres trabalhando como agente de saúde indígenas

Assim, a escrita que se segue tem a finalidade de evidenciar a mulher Rikbaktsa em diferentes situações, reconhecendo que o tempo não é estático e que por isso há mudanças provocadas pelo processo histórico, alterações ambientais e outras mudanças que ocorrem inclusive no campo das nossas vivências. Ou seja, Mesmo com todo este tempo na luta contra a mudança cultural não há como evitá-la, pois, as mudanças são constantes devido o contato com sociedade não indígena.

Reconhecemos que a mulher tem um papel muito importante no meio social Rikbaktsa. Podemos dividir o trabalho da mulher em alguns pontos como: O nascimento da criança. Antigamente todos os cuidados era necessário com a mulher quando ficava gestante sempre foi acompanhado de perto pela sua família.

Nascimento de uma criança Rikbaktsa

Antigamente todos os cuidados com a mulher quando ficava gestante sempre foi acompanhado de perto pela sua família, até na hora do parto quando uma mulher gestante chegava a hora do parto, sempre ficavam três ou quatro mulheres para ajudar no parto.

Geralmente quem ficava sabendo primeiro que a mulher ia dar à luz, era sempre o parente mais próximo, como; a mãe ou avó. Quando a mãe ou avó ficava sabendo ela ia na mata pegar remédio do mato (erva nativa) para prevenir qualquer problema no parto como; a hemorragia, dores muito fortes, apressar o nascimento do bebe sem nenhum risco de vida do bebe e da própria mãe e outras coisas. As mulheres davam à luz fora de casa, longe da visão das crianças e dos adultos que

não fossem da própria família, somente as mulheres que acompanhavam no trabalho parto presenciavam o trabalho do parto.

Quando o neném nascia, a mulher que fazia o parto pegava o bebê limpava e tomava todos os cuidados na hora de cortar o cordão umbilical. O cordão umbilical era cortado com aproximadamente (4) quatro centímetros de comprimento. tinha que ter todo um cuidado especial para não infeccionar. O cordão umbilical era tratado com erva do mato e caramujo queimado.

O caramujo era queimado e depois passava por cima do umbigo para não infeccionar. O cordão umbilical é amarrando com corda de tucum ou de algodão. O trabalho das parteiras sempre com o maior cuidado para não ter problema para o bebê e a mãe.

O cordão umbilical é cortado com taquara de fazer flecha ou bambu de fazer flauta (bekze). Rachava a flauta ou a flecha com isso cortada o umbigo. Após o trabalho realizado as outras mulheres colocavam colar de semente de navalha e enfeitavam com fibra de folha de buriti. as fibras eram amarradas na perna, joelho e nos braços. Quando o umbigo caía, a mãe pegava e jogava na água corrente para a criança não ficar doente e ser sempre uma vida boa e sadia. Após o nascimento da criança as mulheres davam banho com raiz de buriti para engordar e sempre ficar forte e não ficar doente fácil. Se o bebê fosse homem, era furada a orelhinha dele para pôr o brinco e ficar bonito.

Os cuidados continuam sempre perto da mãe, Quando a criança fica doente a mãe e o pai pegam remédio do mato e dão banho na criança com estas ervas medicinais. Após o banho, a mãe pega a água e o remédio que a criança tomou banho e joga no ninho do carregador (saúvas), para levar a doença da criança e ela não ficar doente muito fácil. A erva que é usada para passar no umbigo é chamada pelos Rikbaktsa de *Wipipik* e pelos não-índios de *escorrega macaco*. O caramujo que é usado é da água doce.

Quando a criança é recém nascida o pai e a mãe são responsáveis de cuidar do filhinho durante o dia e a noite e seguem cuidando e acompanhando o seu crescimento.

Antigamente, não existia lampião, a noite a luz vinha de castanha do Brasil que fazia o clarão da noite toda. O pai e mãe não dormiam durante a noite cuidando do bebê recém-nascido.

Tendo acompanhamento e as regras tinha que ser seguido pelo casal, quer dizer o pai e a mãe, tudo pela saúde do bebe Rikbaktsa. Exemplo; quando o pai vai caçar na mata, e matar um animal grande ou qualquer animal exemplo anta, Porcão do mato, ele não pode carregar e nem pode esquartejar o animal. O pai não pode carregar xiri de castanha e nem derramar a castanha no chão, porque a criança pode ficar doente e pode até chegar a óbito. O pai também não pode comer muito porque a criança pode ficar empachada (prisão de ventre) o pai e a mãe não pode comer cabeça de peixes, pássaros ou outros animais.

Quando a criança está com um ou dois meses, a mãe tem que estourar fruta de tamarindo ainda verde (uma arvore da Amazonia brasileira), que assim é chamada pelos não-índios, e pelos Rikbaktsa de (*myrikpedata*). Esta fruta é estourada dentro da boca da criança para não pegar sapinho. Como todos os cuidados que o pai e a mãe tiverem a criança cresce sadia, alegre e se torna jovem guerreiro do povo.

Fig. 01: Mulher sentada na rede, cuidando do seu filho



Fonte: Maine rikbaktatsa (2023)

A escolha do nome para crianças

Em todos os cuidados a mulher está sempre participando de tudo na família, ela sempre tem participação ativa quase em tudo. O nome é dado por outras

peessoas somente quando o umbigo cai e é aceita pelos pais. Com a idade de oito a dez anos troca novamente de nome. Por último, o nome é trocado na fase adulta, o nome que se recebe na festa, este é o nome definitivo para o resto da vida.

Este é um pouco da história dos nascimentos dos nenéns Rikbaktsa que continuam até hoje onde a mulher é o pilar de tudo na vida de uma criança e família. A mulher não é apenas para servir o marido e cuidar dos filhos ela também tem um trabalho muito importante na sociedade Rikbaktsa e tem o poder de decisão na hora que for preciso.

Temos visto que o papel da mulher é muito importante no meio social Rikbaktsa, desde de seu nascimento até a fase da juventude (a adolescência) até chegar a fase adulta onde está pronto para enfrentar os desafios da vida.

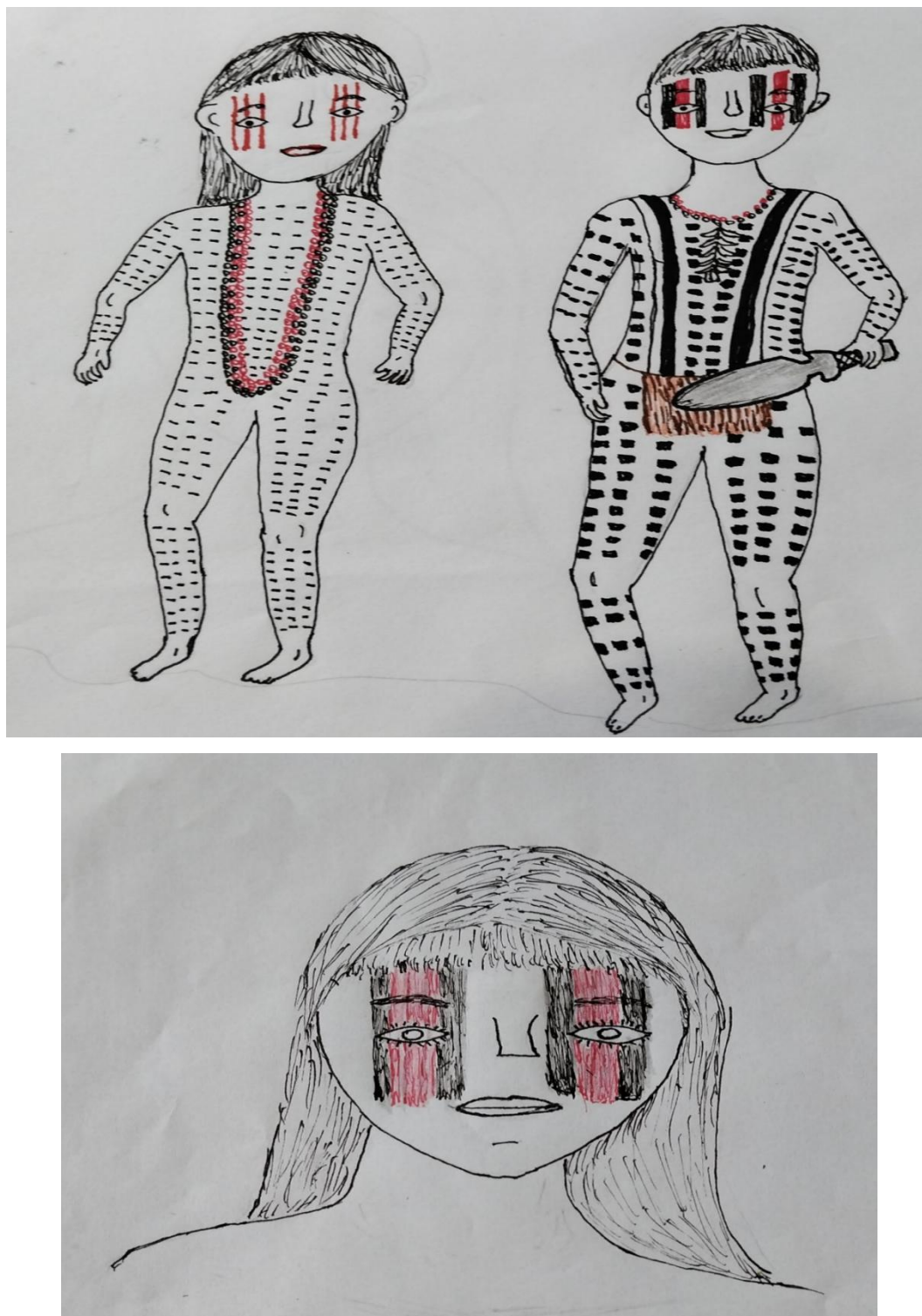
A criança Rikbaktsa sempre é criada com muito carinho junto da família. Como já citado antes, na fase quando a criança ainda é pequena, ela fica sempre próxima do pai e da mãe que são os protetores dela. Com isso, a criança aprende muitas coisas boas e aprende também, sobre o perigo que existia na mata, assim como o trabalho de casa e suas responsabilidades.

Quando um adolescente e passar para a fase adulta, ela já sabe muitas coisas, ensinados pelos pais e por outras pessoas que estão sempre por perto acompanhando o seu crescimento.

Os pais só deixavam o jovem sair com pessoas de sua confiança para não acontecer coisas desagradáveis na família, ou para não aprender coisas que não são úteis para ele e sua vida depôs de adulto.

Com isso, o jovem tinha todo cuidado especial. Até esta fase, o jovem menino aprendia a fazer flecha, caçar e fazer artesanato e outras atividades para viver com o seu povo e contribuir na sustentação de sua casa.

Fig. 02: Pintura dos clãs, homem arara cabeçuda e mulher arara amarela



Fonte: Gesilene Aikdapa (2023).

A menina jovem também tinha sua instrução sempre perto da mãe. Aprendia a fazer chicha, artesanato, tecer algodão, fazer panela de barro e preparar os

alimentos, mas sempre vigiada pela mãe. Isto era o tipo de educação que sempre existi na família Rikbaktsa até hoje.

Fig. 03: Meninas Jovens Rikbaktsa fazendo confecção de panela de argila.



Fonte: Givanildo bismy (2023).

A vida na comunidade todos têm a maior atenção um pelo outro e sempre compartilhando entre si as informações que possa contribuir com outras pessoas. Todos os conhecimentos da mãe são informados e com isso a menina jovem crescia sabendo o que era bom e o que não era para a sua vida depôs de adulto. Esta jovem também ajudava a passar a informação para outras meninas jovens.

Fig. 04: Mulher indo para a roça com sua filha pequena



Fonte: Paulo Skiripi (2023).

Fig. 05: Mulher chegando da roça com alimento



Fonte: Paulo Skiripi (2023).

O papel da mulher sempre é importante na comunidade. Ela sempre está presente na vida da aldeia. Ela realiza quase todas as atividades junto com seu companheiro se for casada.

Fig. 06: Menina jovem assando peixe na folha.



Fonte: Givanildo Bismy (2023).

Com os meninos jovens, também acontecia da mesma forma. Todos os jovens davam muita atenção para a compreensão das instruções na hora da explicação. Ali também está o papel da mulher Rikbaktsa, mas agora com a responsabilidade mais dos homens do que da mulher. Depois que um jovem passava a ser adulto, tendo todos os conhecimentos necessários, ele começava sua atividade junto do povo.

Fig. 07: Crianças Rikbaktsa na festa tradicional.



Fonte: Gesilene Aikdapa (2024).

O conhecimento da medicina é muito importante e fazia parte do tratamento das doenças que conhecem. Este conhecimento ainda continua presente. A grande fonte de alimentação vem da roça de toco, e nisto o jovem adulto trabalhava no cultivo de mandioca, cará, milho, batata doce, variedades de banana e outras plantas. O trabalho era realizado em comunidade, sempre em forma de união. O chefe tinha o seu domínio dentro da comunidade para comandar o grupo.

Havia uma festa tradicional na qual o jovem rapaz furava a orelha para pôr o bodoque, somente no final da festa. A pessoa que queria furar a orelha tinha que se oferecer, não era obrigado, era de espontânea liberdade do jovem, mas sempre motivado pelos pais. Antigamente os jovens tinham mais interesse. Hoje fico preocupada devido ao grande desinteresse pela própria cultura, mas este pode estar ligado a proximidade da sociedade não indígena.

Para furar a orelha os próprios jovens pegavam um espinho de tucum e pediam para alguém de sua confiança furar a sua orelha. Para fazer isso tinha que seguir uma regra. Depois da orelha furada sempre ia trocando de pauzinho todos os dias conforme as instruções, até chegar o tamanho desejado da pessoa. Assim todos os jovens tinham suas orelhas furadas e quem dava as instruções sempre foram os pais.

O Casamento Rikbaktsa

No casamento a mulher também tem a sua participação, é o momento mais difícil e ao mesmo tempo muito animado para a população. Algumas vezes, antigamente, o casamento era escolhido pelo pai e pela mãe da menina. Isso porque os pais da menina que ia casar sabia do comportamento do rapaz. dependendo do rapaz, se era caçador, pescador ou trabalhador, quer dizer se sabia fazer casa, roça sozinho ou era um homem corajoso de enfrentar os perigos da mata ou até enfrentar o inimigo.

Muitas vezes o casamento era forçado pelos pais, mas tinha que ficar de qualquer jeito com a pessoa escolhido por pelos pais. Algumas vezes o próprio rapaz pedia a menina em que ele estava interessado em se casar.

A cerimônia do casamento era feita por um outro casal, que se apresentava como a madrinha de quem estava se casando. A madrinha se enfeitava com colares de sementes, enfeites de arte plumária, pintava o rosto e ficava bem bonita.

A mulher que ia se casar, também se enfeitava com colares de casamento, feitos de concha da água (*tutãrã*) e usava pulseira de rabo de tatu. Se pintava e ficava bem bonita.

Fig. 08: Concha da água doce (tutãrã).



Fonte: Edinele Marik (2023).

Ali está a participação das mulheres, quem arrumava eram as outras mulheres da aldeia que se juntava e contribuía para a grande celebração e a formação de um novo casal. Era uma grande alegria na aldeia. Pois, isto significava como aumento da família e do povo.

O rapaz que ia se casar não ficava junto da menina, ele ficava em uma casa *MYKYRY* (Rodeio). Chegava a hora de se unir junto à mulher. Uma pessoa ia buscar a rede do rapaz, levava até a casa da menina e amarrava a rede do rapaz ao lado da rede da menina.

Quando a rede estava amarrada, o pessoal ou a madrinha davam instruções de como seria a vida de união entre duas pessoas. As orientações eram faladas em voz alta ou em voz baixa, mas sempre foi muito exigente, eram assim: nas orientações os pais diziam que o casal não é para ficar brigando na casa, a mulher era para fazer comida e não deixar o marido passar fome, quer dizer tinha que ter sempre comida feita. Por exemplo: ter beiju, chicha, mingua (raro) e outros alimentos tradicionais que é a mulher que faz; as mulheres também podem fazer outro tipo de alimentação.

Fig. 08: Ralando milho para fazer Chicha



Foto: Gesilene Aikdapa (2023)

As mulheres sempre aconselham a esposa para sempre acompanhar o marido quando sair para fazer uma caçada ou pescaria e qualquer outra atividade diária para sobrevivência.

A cerimônia do casamento é assistida por toda comunidade e todos eram responsáveis por aquele casal, principalmente a madrinha, que qualquer falha que é considerado erro ela tem todo direito de chamar atenção quando o casal não vivesse direito, quer dizer, se vivessem brigando um com o outro. Mas, era muito raro acontecer desentendimento. Mesmo que o casamento fosse realizado à força, aos poucos o casal ia se acostumando a viver junto.

Quando o marido era muito ruim, ou a mulher era ruim para o marido, muitas vezes era aconselhada a separação, era a melhor forma de viver tranquilo. Raramente saía espancamento. Quando fosse um problema sério ali está o papel da madrinha que fez o casamento, todos tentavam resolver em conjunto com a família. A grande maioria se unia para sempre e assim tinham filhos e iam aumentando a família.

Fig. 09: Mulher acompanhando o marido no mato para caçar.



Fonte: Paulo Skiripi (2023).

Em todos os trabalhos desde o nascimento, crescimento, adolescência, trabalhos individuais, trabalhos coletivos, cuidados com a famílias, sempre a mulher está presente exercendo o seu papel que estamos chamando “da mulher Rikbaktsa na vida social”. Não tem como falar da mulher Rikbaktsa separado dos homens, pôs os mesmos se completam em uma comunidade, em todas as atividades. Elas não fazem nada sozinha. Trata-se de um trabalho importante sobre o trabalho da mulher. As dificuldades encontradas para realizar este trabalho são muitas. Podemos citar algumas delas como, as vias de acessos das aldeias, meios de transporte, o tempo das pessoas para registrar as informações com o conhecimento desejado, comunicação linguísticas, esses foram alguns dos desafios enfrentado para registrar o máximo de informação possível neste importante trabalho.

Volto a reafirmar que o tema escolhido para minha pesquisa foi sobre a o papel da mulher no meio social Rikbaktsa. Minha pesquisa será como era? e como é hoje o papel mulher Rikbaktsa junto à comunidade?

Temos visto mudança muito grande no papel da mulher que era antes e da mulher que é hoje; podemos até mostrar um pouca da mulher Rikbaktsa que tem o

conhecimento tradicional e a mulher já deste mundo supostamente evoluído. A distanciamento vai ficando mais nítido em relação a cultura a educação tradicional e as atividades comum todo junto a comunidade Rikbaktsa. A mulher Rikbaktsa como sempre reafirmo que tem a participação efetiva nas atividades da aldeia. Mas com a integração social com as não indígenas, dá se entender que ela tem menos participação principalmente no que diz respeito ao pleito e a conquista no trabalho formal. Este vem por não se forção concluída e outras não se tem disposição para realizar determinados cursos que garantiria a formalização de sua formação.

Quanto as questões culturais, entendo que também tem se poucas iniciativas e este nos preocupa muito, porque vemos a cada ano que passa os anciões tradicionais vai levando uma parte da nossa história e conhecimento, esta e a razão de registra uma boa quantidade de conhecimento do trabalho da antes que este seja tarde demais.

A mulher sempre esteve e está presente na construção de uma educação especifica cultural, respeitando as regras e costume ordenado e entendido coletivamente. As regras da organização social de um povo especifico. As leituras do tempo do dia e da noite, os perigos da floresta, os cuidados com os artesanatos o calendário da natureza que só se aprende e entende junto da família.

Este tipo de conhecimento é muito importante para as crianças e jovens para preservação da cultura. E os conhecimentos que estou dizendo é toda tradição cultural e as festas tradicionais, as regras das festa, os cuidados com o meio ambiente, o respeito da família, as crenças em que acreditamos, as pinturas corporais, as divisões dos clãs e seu relacionamento, as leituras do tempo e suas mudanças.

Todas as formas de uma organização étnica não devem ser esquecidas com a integração com a sociedade não indígena. Os costumes, a língua materna que e um meio de comunicação especifica de um povo jamais deve ser morte por influência externa e desconhecido e muito complexa.

A permanência marca a força de resistência de nosso povo que há quinhentos e vinte e três anos, vem lutando para manter a nossa cultura. Ao longo desses séculos foram várias formas de violência, que foram da violência física, a violência cultural, momento em que perdemos nossa língua e também muito da nossa forma de viver.

Entender as regras de como é um cerimonial cultural e até aonde a mulher tem como obrigação e dever de participar, das atividades em cada cerimonial. Podemos mostrar algumas das atividades como por exemplo, organizar as mulheres quando se realiza uma festa tradicional, o que elas devem fazer no período da realização da festa. Cuidar da seus adereços ornamentais, tanto de pena como de sementes. Estou dizendo fazer artesanato de plumas, fazer colar de semente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agradeço a todos que fizeram parte desde trabalho a onde o envolvimento da comunidade foi essencial para a minha pesquisa da conclusão do meu trabalho agradeço a minha família e a todos os envolvidos na questão de passar as informações e ajudarem na elaboração da minha dissertação.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. **Os Rikbaktsa Mudanças e Tradição**. Puc, 1992.
- BRASIL. **Constituição Federal**. 1988. 21. ed, Brasília: Câmara dos deputados.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes de bases da Educação Nacional – LDB, 9.394**. 1996.
- DORNSTAUDER, João Evangelista. **Como pacifiquei os Rikbaktsa**. Instituto Anchietano de Pesquisas: São Leopoldo, 1975.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MATO GROSSO. **Resolução 05/2012 do Conselho Nacional de Educação Escolar Indígena**, 1999.
- PACINI Aloir. **Um artífice da paz entre seringueiros e índios**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2015
- Resolução 05/ 12 do Conselho Nacional de Educação Escolar Indígena**, 2012.
- Resolução 201/04 do Conselho de Educação Escolar Indígena**. CEI, 2004.
- SECCHI, Darci. **Gestão escolar indígena: cenários e perspectivas**. Cuiabá, MT: UFMT 2009.
- SEDUC – Secretaria de Estado de educação. **Orientações Curriculares para a Educação Básica do Estado de Mato Grosso – Concepções**. 2008/2009.
- ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira. **Os Rikbaktsa Mudanças e Tradição**. Puc, 1992.